

OS FILHOS SÃO UMA BÊNÇÃO DO SENHOR



**CARTA PASTORAL AOS DIOCESANOS DE VIANA
DO CASTELO PARA A VIVÊNCIA DO JUBILEU DOS
500 ANOS DO NASCIMENTO DO BEM-AVENTURADO
BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES E DO PRIMEIRO
ANO DO PROJECTO PASTORAL TRIENAL SOBRE
“A FAMÍLIA — COMUNIDADE DE VIDA E DE AMOR”**



ANACLETO OLIVEIRA

BISPO DE VIANA DO CASTELO

CARTA PASTORAL AOS DIOCESANOS DE VIANA
DO CASTELO PARA A VIVÊNCIA DO JUBILEU DOS
500 ANOS DO NASCIMENTO DO BEM-AVENTURADO
BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES E DO PRIMEIRO
ANO DO PROJECTO PASTORAL TRIENAL SOBRE
“A FAMÍLIA — COMUNIDADE DE VIDA E DE AMOR”



CARTA PASTORAL OS FILHOS SÃO UMA BÊNÇÃO DO SENHOR



ANACLETO OLIVEIRA
BISPO DE VIANA DO CASTELO



500

ANOS 1514/2014
NASCIMENTO
BEATO BARTOLOMEU
DOS MÁRTIRES

EDIÇÃO

Título: Os filhos são uma benção do Senhor
Autor: Anacleto Oliveira
Editor: Diocese de Viana do Castelo
Ano: 2014 / 1ª edição
Tiragem: 2 000 exemplares
Design: Afonso Designers, Lda
Impressão: Gráfica Visão
ISBN: 978-989-97503-1-9

CONTACTOS

Paço Episcopal
Av. Paulo VI, 735 — Darque
4935-058 VIANA DO CASTELO
www.diocesedeviana.pt

ÍNDICE

INTRODUÇÃO Com a benção do Beato Bartolomeu dos Mártires	07
PRIMEIRA PARTE Os filhos são uma benção para a família	15
SEGUNDA PARTE Os filhos são uma benção para a sociedade	31
TERCEIRA PARTE Os filhos são uma benção para a Igreja	41
CONCLUSÃO Que o Beato Bartolomeu dos Mártires nos abençoe	81

COM A BÊNÇÃO DO BEATO BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES

Salmo 126/127

¹ Se o Senhor não edificar a casa,
em vão trabalham os que a constroem.

Se o Senhor não guardar a cidade,
em vão vigiam as sentinelas.

² É inútil levantar-se antes da aurora
e trabalhar pela noite dentro,
para comer o pão de um trabalho duro,
porque Ele o dá aos seus amigos, até durante o sono.

³ Os filhos são uma bênção do Senhor,
o fruto das entranhas uma recompensa;

⁴ como flechas nas mãos de um guerreiro,
assim os filhos nascidos na juventude.

⁵ Feliz o homem que assim encheu a aljava:
não será confundido,
quando enfrentar os inimigos às portas da cidade.

01 Fez 500 anos no passado dia 3 de Maio que nasceu o Bem-aventurado Bartolomeu dos Mártires – uma data que estamos a comemorar, na nossa Diocese, com um ano jubilar, então iniciado e que terminará a 18 de Julho de 2015, o dia anual da celebração litúrgica da sua memória. Como todo o jubileu, queremos que seja um tempo de graça e de bênçãos para a nossa Igreja diocesana.

Queremos, antes de mais, bendizer o Senhor pela graça que nos concedeu com tão “grande figura da Igreja e do nosso País”.¹ Como Arcebispo de Braga, a que então pertencia a nossa Diocese, sempre nutriu um particular carinho por Viana do Castelo. Aqui fundou, logo no início do seu ministério episcopal, uma escola de teologia moral. Mandou construir, com a mesma finalidade, o Convento de Santa Cruz, hoje de S. Domingos. A ele se recolheu nos últimos oito anos de vida, a seguir à renúncia ao Arcebispado, para se entregar à oração, à pregação e à caridade para com os mais desprotegidos. Nele ficou sepultado, por vontade própria. E nele tem sido venerado, e com mais razão a seguir à sua beatificação em 2001.

Por tudo isto, as suas relíquias estão a percorrer todas as paróquias e casas religiosas da Diocese. Regressa deste modo a muitas

1. *Bartolomeu dos Mártires: Modelo para a Renovação da Igreja*, Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa de 01 de Maio de 2014, n. 4. Pode ler-se toda a Nota em: *Celebrações (para o ano jubilar do) Beato Bartolomeu dos Mártires (na) Diocese de Viana do Castelo*, Viana do Castelo 2014, pp. 7-9.

das comunidades que, como mensageiro qualificado do Senhor, repetidas vezes visitou, para as orientar, dinamizar e abençoar. Acolhamo-lo na parte do corpo com que se gastou por Ele e pela sua Igreja e rezemos-lhe, na certeza de que “no Céu vela por nós”, conforme cantamos no hino a ele dedicado.

02 De um modo especial e por sua intercessão, supliquemos ao Senhor que o seu lema episcopal – visível no logótipo do ano jubilar e no relicário que percorre a Diocese – impregne a vida de todos os cristãos da nossa Diocese, a começar pelos mais responsáveis pelos seus destinos: *ardere et lucere: nolite conformari huic saeculo*, isto é, *arder e iluminar: não vos conformeis com este mundo*.

As primeiras palavras inspiram-se na figura de S. João Baptista, que Jesus qualifica de *lâmpada ardente e luminosa* (Jo 5, 35). Como S. João em relação a Cristo, também o Beato Bartolomeu se considerou sua testemunha (em grego “mártire”). Foi por Ele que ardeu e se consumiu: para o dar a conhecer como a luz verdadeira que, *vindo ao mundo, ilumina todo o homem* (Jo 1, 9). Quantas vezes terá exclamado, com a mesma alegria do Precursor: *É preciso que Ele cresça e eu diminua* (Jo 3, 30)!

Condição imprescindível para um testemunho assim é o encontro pessoal e renovado com Jesus Cristo. Repare-se na importância que o Papa Francisco lhe dá, na Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, e repetindo o convite do seu antecessor. Apresenta-o na introdução como “fonte da acção evangelizadora”. E volta a referi-lo no capítulo conclusivo, descrevendo os seus frutos: “O verdadeiro missionário, que não deixa de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio do compromisso missionário.”²

Era igualmente de Cristo que o Beato Bartolomeu recebia a luz e o ardor de que tanto precisou para a profunda e penosa renovação

da Igreja a que se dedicou. Por isso a registou, como programa de vida, na segunda parte do lema, servindo-se do apelo de S. Paulo: *Não vos conformeis com este mundo* (Rom 12, 2). Isto é, não vos deixeis contaminar por maneiras de pensar, viver e agir, contrárias ao evangelho em que acreditais.

Mas foi com esta contaminação que ele se deparou na Igreja do seu tempo. Era tal o mundanismo que a assolava que ela, como ele então escrevia, “está para cair”.³ Não é esta, nem de longe, a situação da Igreja nos nossos dias. Graças a Deus. Mas há feridas que ainda hoje a ameaçam na sua identidade e missão. E não têm faltado vozes autorizadas a alertar para elas.

Fê-lo o Papa Bento XVI, ao afirmar que “a maior perseguição da Igreja não vem de perseguições externas, mas nasce do pecado na Igreja”; e que, por isso, ela “tem uma profunda necessidade de reaprender a penitência, de aceitar a purificação.”⁴ E o Papa Francisco, a propósito de “algumas tentações que afectam, particularmente nos nossos dias, os agentes pastorais”, chama a atenção para o “mundanismo espiritual” que ele define assim: “O mundanismo espiritual, que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal.”⁵ Em quê, concretamente?

03 De entre as reformas por que mais se bateu o Beato Bartolomeu na Igreja em geral e na sua Arquidiocese, destaca-se a da administração dos bens temporais da Igreja.⁶ A deplorável situação com que se deparou não era para menos. Para a grande maioria dos eclesiásticos, o que então mais contava no exercício dos seus ofícios, não eram a glória de Deus e o bem das almas, mas os benefícios materiais que deles recebiam. Uma inversão com consequências desas-

2. Em: *A Alegria do Evangelho*, nn. 8 e 266. Veja-se ainda a minha Carta Pastoral *Cristo em vós: a esperança da glória*, que escrevi a partir do mesmo apelo do Papa Bento XVI e com idêntico objectivo: ajudar cada cristão da Diocese a encontrar-se com Cristo, para o poder anunciar de um modo credível e eficaz.

3. Citado em: Frei Luís de Sousa, *Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, Lisboa 1984, liv. 2, c. 2, p. 149.

4. Em: *Bento XVI em Portugal. Discursos e Homilias*, edição de 2010, do Secretariado Geral do Episcopado, p. 12.

5. Em: *Alegria do Evangelho*, nn.77 e 93.

6. Veja-se sobre isto a obra de Frei Raul de Almeida Rolo (OP), *O Bispo e a sua Missão Pastoral segundo D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, Porto 1964, pp. 213-258.

trosas: ausência, nalguns casos constante, das comunidades a eles confiadas; exigências acima do que tinham direito ou os fiéis podiam dar; simonia; busca, por vezes desenfreada, de lugares e dignidades materialmente mais rentáveis; escandalosa vida luxuosa; desigualdades e injustiças gritantes entre eles; aproveitamento dos bens da Igreja para enriquecimento pessoal e familiar. Numa palavra: a total perversão do evangelho, até no seu conteúdo. Quem não vive conforme pensa, acaba, mais cedo ou mais tarde, por pensar conforme vive.

Daí a importância dada pelo Beato Bartolomeu à formação e vivência da fé de todos os cristãos e, particularmente, dos seus colaboradores na Igreja. É que, além do mais, estavam em causa a sua comunhão com Deus e a consequente salvação eterna. Assim o diz, a propósito de Mt 25, 34-36.40 e das obras de misericórdia aí mencionadas por Jesus: “Todos são obrigados a cumpri-las, segundo a possibilidade de cada um, especialmente aqueles que, além do que é necessário para a sua vida, decência de estado e justas necessidades, lhes sobeja renda. Porque estes, sob pena de pecado mortal, são obrigados a dar todo o sobejo aos pobres ou a gastá-lo em obras pias.”⁷ Tratando-se de bens eclesiais, vai ainda mais longe: “Tudo o que reténs, fora do sustento necessário e do vestuário simples, que pertença ao altar, não é teu, é um roubo, um sacrilégio.”⁸ É que os bens obtidos no exercício do sacerdócio de Cristo (que ultrapassa o âmbito estritamente eclesial) participam da sua sacralidade.

Está em curso, na nossa Diocese, uma reforma semelhante. Emanada de determinações do II Concílio do Vaticano e de posterior legislação da Igreja. Foi pedida pelo Conselho Presbiteral da Diocese e por ele apreciada. Tem sido bem acolhida pelos conselhos económicos paroquiais, nas acções de formação para eles realizadas em todos os arciprestados. E agora vemos como assenta no mesmo fun-

damento e se rege pelos mesmos princípios por que se norteou o Beato Bartolomeu na sua reforma: que os bens eclesiais se destinam a fins exclusivamente pastorais, nos quais se integra também a especial solicitude por toda a espécie de pobres; estão ao serviço da comunhão de que vive e para que vive a Igreja; são, designadamente na sua origem e aplicação, expressão da fé no evangelho de Jesus Cristo, que nesse contexto nos diz: *Há mais felicidade em dar do que em receber* (Act 20, 35).⁹

Que ele, o Beato Bartolomeu, nomeadamente neste seu ano jubilar, nos ajude a abrir os olhos da mente e do coração, sobretudo daqueles que ainda se não sentem suficientemente motivados para aceitar esta reforma e nela colaborar, para seu próprio bem, o bem comum e o bem das suas comunidades. Não há alternativa: ou se vive de acordo com o evangelho ou o seu anúncio deixa de ser credível. Mas confiemo-nos a Deus, a quem *tudo é possível* (Mc 10, 27). E Ele, *pelo poder que exerce em nós, é capaz de fazer mais, imensamente mais do que possamos pedir ou imaginar* (Ef 3, 20).

04 Uma outra instituição, essencial para a existência do ser humano, da Igreja e da sociedade, mas que está a passar por uma crise profunda, é a família: uma crise humana, social e espiritual; uma crise que se deve, em grande parte, a maneiras tipicamente mundanas de pensar, viver e agir; uma crise, por isso, perante a qual o Beato Bartolomeu dos Mártires também diria: *Não vos conformeis com este mundo*; uma crise, enfim, que exige uma urgente intervenção, designadamente da Igreja.

Está a promovê-la o Papa Francisco, nomeadamente com as duas sessões sinodais que convocou sobre a família: uma extraordinária, há muito a ser preparada e prestes a realizar-se (05 a 19 de Outubro deste ano); e a ordinária que terá lugar um ano depois.

Também na nossa Diocese, e em comunhão com toda a Igreja,

7. Em: *Catecismo ou Doutrina Cristã e Práticas Espirituais*, Obras Completas, vol. I, Braga 1962, p. 120.

8. Em: *Estímulo dos Pastores*, Obras Completas, vol. VIII, Braga 1981, pp. 82-83.

9. Veja-se sobre isto a Nota Pastoral *Há mais Felicidade em Dar(-se)*, que escrevi no âmbito da entrada em vigor da Legislação para a Administração dos Bens Temporais da Igreja na nossa Diocese.

nos vamos ocupar do tema. Foi-me sugerido pelo Conselho Presbiteral e depois confirmado por outros órgãos diocesanos, como projecto pastoral para os próximos três anos, com subtemas distribuídos do seguinte modo: em ligação com aniversários significativos do Beato Bartolomeu dos Mártires (500 anos do nascimento, a 03.05.2014, 425 da morte, a 16.07.2015, e 15 da beatificação, a 04.11.2016), reflectiremos sobre as três fases etárias da nossa inserção na vida familiar, e tendo presente o que a Igreja nos oferece em cada uma delas, sobretudo através dos sacramentos:

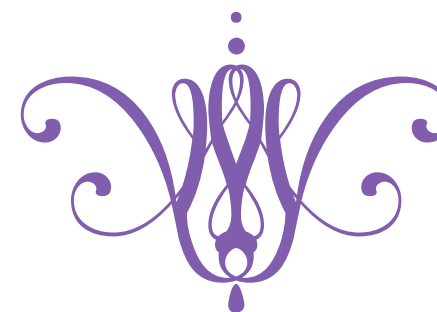
⇒ Em 2014–2015: a vida na família desde a gestação até ao fim do crescimento e os sacramentos da iniciação cristã (Baptismo, Confirmação e Eucaristia), habitualmente recebidos no decurso desta fase etária.

⇒ Em 2015–2016: a vida na proximidade da morte e para além dela e os sacramentos da cura (Penitência e Unção dos Enfermos).

⇒ Em 2016–2017: a santidade de vida, particularmente na comunhão entre esposos, e os sacramentos do serviço (Ordem e Matrimónio).

Tudo isto será apresentado e reflectido à luz da definição do Papa S. João Paulo II: *A família – comunidade de vida e de amor*.¹⁰ Por isso a escolhemos para lema genérico e comum aos temas específicos de cada ano. Em todos eles, veremos como a família, na sua essência e existência, nasce e vive do amor, recebido de Deus e partilhado na comunhão, designadamente entre pais e filhos, avós e netos, marido e esposa. E se este amor é fonte de vida, é também fonte de bênçãos, isto é, de “bens” que merecem e devem ser “ditos”.¹¹

Fonte de bênçãos são – como a seguir se expõe em relação ao tema deste ano – em primeiro lugar **os filhos: bênção para a Família, para a Sociedade e para a Igreja.**



10. Em: Exort. Apost. *Familiaris Consortio*, n. 17, com base na expressão “íntima comunidade de vida e de amor” da Const. Past. *Gaudium et Spes* do II Concílio Ecuménico do Vaticano, n. 48.

11. “Bênção” deriva do latim “*Benedictio*”, uma palavra composta por “*bene*” e “*dictio*” e que, à letra, se pode traduzir por “benedição”.



OS FILHOS SÃO UMA BÊNÇÃO PARA A FAMÍLIA

UM HÁBITO FAMILIAR E O SEU SIGNIFICADO

05 Enquanto os meus pais foram vivos, havia em nossa casa um hábito que se repetia ao final de cada dia e do qual, pelo seu significado (de que fui tomando cada vez mais consciência ao longo dos anos), frequentemente me recordo com alguma emoção e muita gratidão. Sei, aliás, que se passa o mesmo com outras pessoas que tiveram a mesma experiência. E é bem possível que haja ainda famílias com o mesmo hábito ou outro semelhante. Em nossa casa era assim:

Antes de nos despedirmos em família, para o descanso noturno, cada um dos filhos aproximava-se do pai e da mãe e dizia a cada um deles: “A sua bênção.” Um pedido feito a partir da convicção de que os pais são uma bênção para os filhos. Que seríamos nós sem eles ou alguém que, por qualquer razão, os teve de substituir! Por isso, agradecer-lhes pela graça que diariamente são para nós, além do mais educado dever humano, é fonte de mais bens e novas bênçãos. Sim, os pais também precisam de sentir o amor dos filhos, para se manterem e fortalecerem no amor que têm por eles.

Ao pedido assim formulado, respondiam os meus pais a cada filho: “Deus te abençoe.” É uma resposta de fé: conscientes das suas limitações humanas e de que o bem que fazem pelos filhos tem a sua origem última no Deus Criador e Senhor da vida, pedem-lhe

que seja Ele a abençoar os filhos que lhes deu. E, ao mesmo tempo, implicitamente pedem-lhe também que os abençoe enquanto pais, para continuarem a ser mediadores das suas bênçãos. Sim, para se manterem e fortalecerem no amor pelos filhos, os pais precisam, acima de tudo, de procurar e aprofundar o mesmo amor, mas naquela fonte pura e ilimitada que só em Deus podem encontrar.

Aliás, este duplo pedido de bênção — dos pais para os filhos e para si próprios — já tinha sido anteriormente formulado: pela oração em família, que entre nós constava da recitação (então de um “terço”) do Rosário, a que se seguia um conjunto de preces pelos vivos e defuntos, pelo bem dos presentes e de ausentes, pelas necessidades da família, da Igreja e do mundo. Uma oração que era também de bênção: toda a prece ou súplica, se não é expressamente acompanhada da acção de graças, pelo menos pressupõe-na. Só pede quem realmente espera ser atendido. Uma confiança baseada na experiência de bênçãos já recebidas de Deus — por vezes na própria oração, em que os membros da mesma família se unem a rezar ao Deus do amor puro e ilimitado.

Depois da bênção assim pedida e recebida, cada filho beijava a mão aos pais. Hoje talvez fosse na face. Mas a diferença é mínima: se as mãos são os membros que habitualmente mais usamos para fazer o bem, é no rosto que se concentra a maioria dos sentidos com os quais nos unimos aos outros e a Deus. E é dessa união que provém aquela comunhão, em Deus, que tem na paz um dos maiores bens: uma paz que nasce do perdão que pedimos e partilhamos, nomeadamente ao rezarmos a uma só voz: *Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido*; uma paz selada com o beijo conclusivo, um *beijo santo* (1 Tes 5, 26); uma paz que garante uma noite tranquila e repousante, depois de seguirmos o conselho divino: *Não se ponha o sol sobre o vosso ressentimento* (Ef 4, 26).¹²

12. Faz parte da leitura breve do ofício de Completas de cada Quarta-Feira.

Tudo isto acontecia em nossa casa, porque — disto estou hoje plenamente convencido — os nossos pais, como de resto muitíssimos outros, tinham consciência de que também os filhos eram uma bênção, e tudo faziam para que realmente o fossem: uma bênção do Senhor.

OS FILHOS SÃO O MAIOR BEM

06 Para melhor se entender o título (e o conteúdo) desta Carta — *os filhos são uma bênção do Senhor* — recomendo a leitura meditada e repetida de todo o texto bíblico de onde é retirado: o **Salmo 126/127**.¹³ Dele partimos e nele nos apoiaremos na maior parte da reflexão que proponho a seguir e na qual aprofundaremos o significado do hábito familiar descrito atrás.

O Salmo divide-se em duas partes (vv. 1-2 e 3-5) e tem por objectivo fazer-nos felizes. Basta ver a promessa com que termina: *Feliz o homem que assim encheu a aljava: não será confundido, quando enfrentar os inimigos às portas da cidade* (v. 5). Mas, em que condições e por que meios se obtém esta felicidade?

Antes de mais, é preciso que a casa e a cidade em que vivemos sejam suficientemente seguras: a casa, pelo modo como é construída; a cidade, pelo modo como é vigiada (v. 1). Num caso como no outro em função dos habitantes: a família e os cidadãos. Mesmo na nossa linguagem, com a casa é, com frequência, ao agregado familiar que nos referimos, e com a cidade à sua população.

Das duas, a mais importante é a família. É dela que trata quase todo o resto do Salmo (vv. 2-5). E com razão: é da família que surgem os cidadãos que vigiam a cidade, para a manterem segura. E, nascidos na família, é primariamente para ela que trabalham:

13. Para isso está transcrito no início desta Carta.

para que nela haja o alimento e tudo o mais que garanta, a eles e aos outros familiares, bem-estar, energia, qualidade de vida. E, quantas vezes, com um *trabalho duro*, que começa *antes da aurora* e se prolonga *pela noite dentro* (v. 2)! Como se vê, já quando o Salmo foi composto não era muito diferente de hoje.

Mas tudo isto é feito, primariamente, pelos filhos e para os filhos. Só deles — *o fruto das entranhas* — se fala na segunda parte do Salmo (vv. 3–5). São eles, acima de tudo, que nos fazem felizes. Em que sentido e por que razões?

07 Olhem para o nosso corpo, parte integrante do nosso ser e, consequentemente, imprescindível para o nosso agir, no relacionamento com o mundo, com os outros — o corpo com a sexualidade a ele inerente.

Sobre isto escreveu o Papa S. João Paulo II: “O corpo, que expressa a feminilidade «para» a masculinidade e, vice-versa, a masculinidade «para» a feminilidade, manifesta a reciprocidade e a comunhão das pessoas. Exprime-a através do dom como característica fundamental da existência pessoal. Este é o *corpo: testemunha* da criação como de um dom fundamental e, portanto, *testemunha do Amor como fonte de que nasceu este mesmo dar*.” Isto é, pelo corpo a pessoa apercebe-se de que é dom recebido e é criada para dar e se dar. E na medida em que, designadamente pela união esponsal dos corpos, a pessoa se dá, o corpo adquire um “significado procriador”.¹⁴

Por outras palavras: pela sua origem e natureza, o homem e a mulher garantem a sua existência, para além da sua finitude individual, na medida em que, dando e dando-se, em primeiro lugar mutuamente, são fecundos, geram novas vidas, fruto do amor que os une; uma fecundidade que, não se reduzindo à procriação, tem nela a concretização mais elementar. Só dando-se, o homem e a mulher se sentem realizados. Como aliás acontece com todos os outros se-

14. Em: *Teologia do Corpo. O Amor Humano no Plano Divino*, Alêtheia 2013, pp. 124 e 166. Itálico no original.

res vivos, animais e vegetais. Há mesmo alguns cuja vida individual termina, mal dão o contributo mais básico e imprescindível para terem descendentes.

Compreende-se assim o sofrimento de tantos casais inférteis. A Bíblia está recheada de exemplos: Sara e Abraão (Gn 15, 2; 16, 1), Raquel e Jacob (30, 1–2), Ana e Elcana (1 Sam 1, 8), Isabel e Zacarias (Lc 1, 7.25). Compreende-se igualmente que tantos casais, com idêntico problema, se decidam pela adopção de crianças nascidas de outros ou recorram a meios que a ciência entretanto tem descoberto e desenvolvido, para terem os filhos que desejam, a todo o custo. Por vezes a custo até de outras vidas em embrião, o que, neste caso, é de condenar: são seres humanos que não podem simplesmente ser eliminados, e para mais com o consentimento, pelo menos implícito, de quem contribui para a sua existência. Compreende-se, finalmente, que a Igreja não reconheça a validade do matrimónio entre um homem e uma mulher que previamente rejeitam ter filhos: é uma decisão *contra natura*.¹⁵

Mas também se compreende, por razões idênticas, a alegria sentida quando o filho nasce. O próprio Jesus a refere, como exemplo para afastar dos discípulos a tristeza provocada pela sua ausência entre a morte e a ressurreição: *a mulher, quando está para ser mãe, sente angústia, porque chegou a sua hora. Mas depois que deu à luz um filho, já não se lembra do sofrimento, pela alegria de ter dado um homem ao mundo* (Jo 16, 21). E o mesmo acontece com outros sofrimentos, por exemplo o do trabalho duro referido no Salmo: pela vida dos filhos, os pais estão dispostos a tudo. Por que razão?

Porque os filhos, *fruto das entranhas*, “são realmente ossos dos seus ossos e carne da sua carne” (cf. Gn 2, 23).¹⁶ Isto é, são parte da

15. Cf. *Código de Direito Canónico*, cc. 1096 § 1 e 1101 § 2. Ainda acerca dos casais a braços com o problema da esterilidade, e para que isso se não interprete como uma “maldição” (nem sequer à luz do Salmo 126/127, escrito numa época em que algumas das soluções de hoje não existiam), leia-se o que escreveu o Papa S. João Paulo II, na Exort. Apost. *Familiaris Consortio*, n. 14: “Não deve todavia esquecer-se que, mesmo quando a procriação não é possível, nem por isso a vida conjugal perde o seu valor. A esterilidade física pode, de facto, ser para os esposos ocasião de outros serviços importantes à vida humana, tais como a adopção, as várias obras educativas, a ajuda a outras famílias, às crianças pobres ou deficientes.”

16. A expressão indica a afinidade (sobretudo de sangue) entre familiares ou entre membros do mesmo povo (cf. Gn 29, 14; Jz 9, 2; 2 Sm 5, 1; 19, 13–14; 1 Cr 11, 1).

sua vida — a vida que de modo nenhum querem perder, sem antes ao menos a verem prolongar-se na vida daqueles a quem se dão, por quem se gastam; em suma, a vida que, pelo menos deste modo, adquire a tão desejada imortalidade. Haverá maior felicidade do que esta — a de sobreviver à morte?

08 Desta felicidade nos fala a Bíblia, e logo no início: em **Gn 1, 26-31**, quase a concluir o primeiro texto sobre a criação (Gn 1,1-2,4a). Embora escrito em forma de relato, o texto é sobretudo um hino ao Deus Criador e às suas criaturas ou, talvez melhor, nas suas criaturas. Um dos sinais disso é a frase: *E Deus viu que era bom*. Aparece sete vezes, como um refrão, a seguir às sucessivas obras criadas por Deus, mas com algumas variações.¹⁷ E estas, como veremos, já nos mostram que no auge da criação e como a maior de todas as criaturas está o ser humano.

É ele o único a ser criado por uma decisão divina em que Deus entra em diálogo consigo próprio: *Façamos o homem*. É o único que Ele cria, como diz a seguir, *à nossa imagem e à nossa semelhança*, isto é, como pessoas em que Ele se reflecte, se torna presente — uma dignidade que, noutros povos da época em que o texto se foi formando, era exclusiva do rei; uma dignidade inerente à missão, neste caso comum a todos nós, de sermos colaboradores qualificados na sua obra criadora: *Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra* — diz-nos Ele. Para isso nos cria *homem e mulher*. Porque, só assim, na diferença e complementaridade sexual, somos sua imagem: contribuímos, pela fecundidade, para que a vida que temos se multiplique em novas vidas, para além do tempo e do espaço em que cada um de nós vive, e tudo fazemos para que a terra seja propícia à formação e crescimento de novas vidas.

É para esta missão que o Deus Criador nos abençoa com o bem que mais desejamos e que tão felizes nos faz — uma felicidade em que Ele próprio participa e se compraz, como dão a entender as pa-

17. Nos vv. 4, 10, 12, 18, 21, 25 e 31.

lavras finais: ao contemplar tudo o que tinha feito, *viu que era tudo muito bom* (v. 31). Das sete vezes (um número perfeito) em que o refrão aparece, esta última é a única em que o “bom” é precedido do qualificativo “muito”. É que, como imagem de Deus, somos também as únicas criaturas capazes de reconhecer a grandeza da dignidade e a responsabilidade da missão d’Ele recebidas... e de com Ele e n’Ele nos alegrarmos.

Participa desta alegria divina o homem que se extasia perante o filho, sobretudo quando recém-nascido, e ainda mais se é o primeiro; ou a mulher que, mal acaba de dar à luz e logo que pode, se abraça ao filho, com irreprimíveis expressões de riso e choro de alegria e ternura. Das suas vidas acaba de formar-se uma nova vida, que transforma as suas vidas, enriquecendo-os com uma nova identidade: a de pai e de mãe. Daí que, para anunciar o nascimento, tantas vezes se diga: “sou” (ou “vou ser”) pai/mãe”.

E quando se tornam avós, o mais habitual é que redobre a felicidade. Não admira: só quando do filho nascem os netos, a continuidade da vida dos avós está definitivamente garantida, alargando-se cada vez mais no tempo e no espaço — a caminho de encher e dominar a terra.

Mas, nem sempre e nem com todos é assim. Que falta então?

A NECESSIDADE DA BÊNÇÃO DO SENHOR

09 Repare-se como o Salmo 126/127, em que nos vimos apoiando, insiste nesta necessidade: todo ele está estruturado em não ter o *Senhor* (vv. 1-2) ou tê-lo (vv. 3-5), com a bênção e a felicidade obviamente do lado do ter; por três vezes (um número completo) se diz que, sem Ele, todo o esforço humano é *em vão* ou *inútil* (vv. 1.2);¹⁸ três vezes é mencionado o nome próprio de Deus — *Senhor* — correspondente ao hebraico *laHVeH* que, por sua vez, é assim explicado (em Ex 3,14): *Eu sou Aquele que sou* ou *estou* (convosco).

18. *Em vão* e *inútil* são, no original hebraico, a mesma palavra.

Isto é, o nosso Deus é ou existe, para estar com os seus, lhes dar a vida que só Ele possui e pode dar. Deu-a, ao libertar o seu povo da escravidão do Egito; deu-a, ao enviar-nos Jesus Cristo, seu Filho Único; continua a dá-la, ao derramar o seu amor nos corações daqueles que a Ele se confiam. Deu-a e continua a dá-la, porque nos quer felizes com estas e tantas outras bênçãos.

Mas, com elas, de modo algum dispensa o nosso esforço humano, nomeadamente na construção da casa, na guarda da cidade, no trabalho longo e duro para obtermos o necessário para a vida, nossa e dos nossos familiares, enfim, para termos os filhos que tão felizes nos fazem. Só que, nada disso é possível em plenitude, ou muito dificilmente é atingível, sem a sua bênção divina. Por que razões?

10 Antes de mais, porque a paternidade e a filiação são um mistério que estamos longe de compreender ou, pelo menos, de dominar. E provavelmente nunca o conseguiremos, apenas com as nossas capacidades humanas. Se não, pense cada um na sua própria experiência. Primeiramente como filho ou filha.

Que fiz eu para ser o que sou? Na origem, nada. Se existo, não fui eu a decidir. Como também não escolhi ser homem ou mulher, as dimensões e feições do corpo, a cor da pele, dos cabelos e dos olhos, o grau de inteligência e de memória, os gostos por que me oriento, o ambiente social e o lugar em que nasci e passei a viver. E não escolhi os meus pais, a quem devo muito do que sou e tenho, e por isso lhes estou imensamente grato.

Mas a quase totalidade das não-escolhas referidas também não foram opção deles. Sei que me desejaram, filialmente me acolheram e visceralmente me amaram. Mas sei também quantas preocupações lhes causei desde o primeiro momento da minha existência e talvez até ainda antes: por desconhecerem se era ou iria ser suficientemente saudável, no corpo e na mente; se iria ser devidamente educado; se teria ou não a necessária liberdade e capacidade para singrar na vida. Sei que tudo fizeram para que isso acontecesse. Mas eles próprios tinham consciência das suas limitações, de toda a ordem.

E descobriram, o mais tardar então, que, como os filhos que deles nasciam e com eles cresciam, também a sua própria vida era um dom que, pelas mesmas razões, não dependia deles, um dom recebido: uma bênção do Senhor, que agradeciam e pediam para eles e para os filhos, a principal razão de ser das suas vidas. Por isso nos educaram a fazermos o mesmo.

11 Façamo-lo, servindo-nos das palavras que o próprio Senhor coloca nos lábios de cada um de nós (no **Sl 138/139, 13-16.23-24**), como oração, inicialmente de bendição, e no final de prece:

*Vós formastes as entranhas do meu corpo
e me criastes no seio de minha mãe.
Eu vos dou graças por me haverdes feito tão maravilhosamente:
admiráveis são as vossas obras.
Vós conhecíeis já a minha alma e nada do meu ser vos era oculto,
quando secretamente era formado,
modelado nas profundidades da terra.
Ainda em embrião se viam as minhas obras
e já meus dias estavam marcados no vosso livro;
estavam escritos e fixados, ainda antes que um deles existisse...
Sondai-me ó Deus, e vede o meu coração,
ponde-me à prova e conheci os meus pensamentos.
Vede que não ande por mau caminho,
conduzi-me pelo caminho da eternidade.*

12 Orações como esta são uma preciosidade. Ajudam-nos, como é o caso, não só a compreender que a vida que temos é, na sua origem última, uma bênção de Deus que devemos agradecer e usar como tal, isto é, colaborando com Ele ao serviço de novas vidas. Mas, além disso, a mesma oração capacita-nos para realizarmos essa missão. Ao pôr-nos em íntima comunhão com Deus, pelo louvor, a gratidão e a prece, apodera-se de nós o seu amor divino, aquele amor que se manifestou sobremaneira em Jesus Cristo e que *tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta* (1 Cor 13, 7).

É um amor que conforta ou corrige, conforme as circunstâncias da vida ou as opções que tomamos, designadamente em relação aos filhos e ao *trabalho duro* a que nos entregamos, levantando-nos *antes da aurora* e entrando *pela noite dentro* (Sl 126/127, 2).

Há circunstâncias em que os pais se sentem obrigados a um trabalho assim, pelo amor aos filhos: quando a estes falta, antes de tudo o mais, o pão para o corpo e para a alma. Neste caso, e para que não desistam da sua dura missão de pais, quanto bem lhes faz sentirem-se amados e confortados por Deus, com um amor sem limites, o amor em que *ele o dá aos seus amigos, até durante o sono!*

Mas há também situações em que o trabalho excessivo, no tempo e nas energias gastas, pode redundar num mal para os filhos: quando estes, mais do que pão e bem-estar material, ou para além deles, precisam do convívio dos pais, para os acarinhar, fortalecer, educar. Neste caso, convém escutar o que Deus nos diz, a propósito da tentação de Jesus em transformar pedras em pães: *nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus* (Mt 4, 4, citando Dt 8, 3).

Fechando os ouvidos a essa palavra, os pais acabarão por ver nos filhos, em vez de uma bênção, um fardo de que, de um ou outro modo, no todo ou em parte, procuram descartar-se, com todas as consequências negativas que daí advêm para uns e outros – uma irresponsabilidade devida à “recusa do homem ao amor de Deus”.¹⁹

PATERNIDADE E MATERNIDADE RESPONSÁVEIS

13 “Um aspecto particular desta responsabilidade diz respeito à *regulação da procriação*. Os esposos podem querer espaçar o nascimento dos filhos por razões justificadas. Devem, porém, verificar se tal desejo procede do egoísmo, e se está de acordo com a justa generosidade duma paternidade responsável.”²⁰

19. João Paulo II, *Familiaris Consortio*, n. 6, como origem de aspectos negativos em famílias de hoje (cf. ainda o n. 30).

20. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2368. O itálico é do original.

Procede do egoísmo, se os esposos, como escreveu S. João Paulo II, “manietados (...) pela mentalidade consumista e com a única preocupação do aumento contínuo dos bens materiais, acabam por não chegar a compreender e portanto a rejeitar a riqueza espiritual de uma nova vida humana.”²¹ Preferem o gozo efémero das riquezas e do prazer material à felicidade imperecível dos filhos que lhes podem prolongar a vida – a *caminho da eternidade*, como rezávamos atrás.

Esta opção verifica-se sobretudo, e ainda segundo o Papa, “nos países ricos” e está “paradoxalmente unida a certa angústia e incerteza quanto ao futuro.”²² Ter filhos num mundo cada vez pior? Não será fazer deles uns infelizes? Quem assim pensa, esquece-se de que o mundo será muitíssimo do que dele fizermos; e que, sem novas vidas, então, sim, é que não terá futuro algum. E esquece-se principalmente de que para isso não podemos contar somente com as nossas possibilidades humanas.

Nesse sentido, diz-nos ainda o Papa que “a razão última destas mentalidades é a ausência de Deus do coração dos homens, cujo amor só por si é mais forte do que todos os possíveis medos do mundo e é o único que tem o poder de os vencer.”²³ E isto aplica-se, não somente à procriação propriamente dita, mas a outros aspectos da paternidade e da maternidade responsáveis.

14 É o caso de uma gravidez inesperada, indesejada ou até alcançada em condições desagradáveis ou mesmo violentas.

Por muito peso que tenham tais condições, é uma pessoa que, desde o primeiro momento da concepção, se forma e cresce no seio da mãe. Por isso, eliminá-la voluntariamente, seja em que fase for, é, antes de mais, desumano, como desumano é todo o homicídio voluntário. Mais: por se tratar de seres inocentes e indefesos, “o aborto e o infanticídio são crimes abomináveis.”²⁴

21. Em: *Familiaris Consortio*, n. 30

22. *Ibidem*, n. 6.

23. *Ibidem*, n. 30.

24. II Concílio Ecuménico do Vaticano, Const. Past. *Gaudium et Spes*, n. 51.

Aliás, a grande maioria das mulheres que o praticam têm consciência disso. Quantas são as que depois se debatem com remorsos pelo resto da vida! Enquanto o inverso é difícil de encontrar: mulheres que se tenham arrependido de ter acolhido e criado um filho concebido nas referidas circunstâncias. Pelo contrário: já ouvi vários casais confessarem uma especial alegria por filhos que assim receberam, e isto apesar dos redobrados sacrifícios que deles exigiram. Ou talvez por isso: o mais custoso torna-se, quase sempre, no mais gostoso. É que, quanto mais nos damos, mais se prolonga a nossa vida nas vidas de quem a damos.

O mesmo se diga dos nascituros portadores de deficiências. Segundo o Papa Bento XVI, “também a vida com deficiência é querida e apreciada por Deus, e (...) nesta terra ninguém pode ter a certeza de viver sem limites físicos ou espirituais.”²⁵ Graças a Deus, são muitos os pais que assim pensam. Só isso explica a entrega, por vezes heróica, com que cuidam de filhos com tais limitações.

15 A mesma generosidade deve presidir à decisão sobre o número de filhos. Uma coisa é certa: a família será verdadeiramente completa, quando nela se ouvirem as palavras “irmão” e/ou “irmã”. É como com o marido e a esposa: pensem na felicidade sentida ao serem enriquecidos com o título e a identidade de pai e mãe. Será que o filho, que lhes proporciona essa alegria e que, também por isso, tanto amam, não merece usufruir de uma felicidade semelhante?

É verdade que isso exige dos pais mais dedicação, mais sacrifícios, de todo o género e em que os filhos têm de participar. É diferente ser apenas um (ou dois) a ficar com tudo do que partilhá-lo com outros. Mas será isso um mal? Pelo contrário: fazer ao filho todas as vontadinhas, dando-lhe, tantas vezes, o que ele realmente não precisa e, por isso, acaba por desbaratar, é educá-lo ou, melhor,

deseducá-lo para um facilitismo, um egoísmo e um consumismo, de que, mais cedo ou mais tarde, quiçá tarde de mais, o próprio irá lamentar-se, mesmo que o não diga.

Repare-se, ao inverso, em famílias numerosas (entre nós a partir de três filhos), que graças a Deus ainda existem e, com frequência, não são as mais abastadas materialmente. Em geral, os filhos crescem com uma desenvoltura acima da média, por terem de lutar mais pela vida; aproveitam e saboreiam mais o que adquirem; e, sobretudo, habitua-se a dividir, dentro e fora do círculo familiar mais restrito, bens e tarefas e, deste modo, a reforçar o sentido de comunhão, fundamental ao homem enquanto ser, por natureza, social.

É evidente que, para isto, têm de ser acompanhados e incentivados pela palavra e o exemplo dos pais, que, além de muito despendem com os filhos, em bens e energias, ainda têm de enfrentar o ambiente social consumista com que os filhos inevitavelmente contactam e de precavê-los, com muita paciência, da sua influência nefasta. Mas vale a pena mais este incómodo, pela vida que daí resulta.

16 Vejamos finalmente a importância da harmonia entre o pai e a mãe, para um crescimento equilibrado dos filhos.

Em princípio, o filho deveria cimentar essa harmonia. Ele “não vem de fora juntar-se ao amor mútuo dos esposos; surge no próprio coração deste dom, do qual é fruto e complemento.”²⁶ Uma ideia reforçada por S. João Paulo II: “Os esposos, enquanto se dão entre si, dão para além de si mesmos um ser real — o filho, reflexo vivo do seu amor, sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável do seu ser de pai e mãe.”²⁷ É no filho, assim nascido e amado, que eles são, de um modo completo, *uma só carne* (Gn 2, 24).

Infelizmente nem sempre assim acontece. Em vez de contribuir para a união entre os pais, os filhos, por vezes e por variadas

25. Bento XVI, citado em: *Youcat. Catecismo Jovem da Igreja Católica*, p. 211.

26. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2366.

27. Em: *Familiaris Consortio*, n. 14.

razões, são factor de desunião. E se não são factor, são pelo menos vítimas — as principais e sem culpa própria. Há casos em que até servem de pedra de arremesso, usada para alimentar ódios, vinganças e violências entre pai e mãe. Terrível!

Mas pensemos antes no inverso: nos casos, oxalá mais frequentes, em que os filhos, não só reforçam a coesão entre os pais, mas podem até desviá-los, quando desavindos, de se precipitarem numa separação, com efeitos negativos para todos, ou mesmo levá-los à reconciliação. Quando tal acontece, quão felizes se devem sentir esses filhos! Felizes por verem como, deste modo, são realmente amados pelos pais; e felizes por assim poderem retribuir aos pais o amor deles recebido: ajudando-os a amarem-se ainda mais um ao outro, com o amor autêntico, aquele que tem a sua prova máxima no perdão e na reconciliação. E o que os filhos assim virem fazer aos pais, será, muito mais provavelmente, o que um dia eles próprios farão, em situações semelhantes e ao serviço da vida.

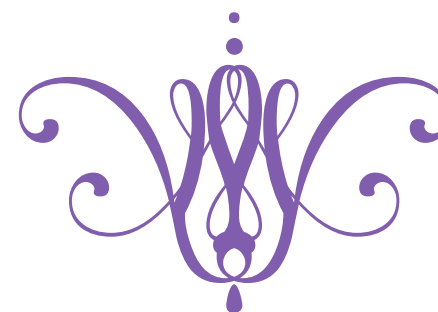
17 Escreveu J. W. Goethe, o poeta alemão dos séculos XVIII-XIX e um dos maiores da literatura europeia: “Duas coisas devem os filhos obter dos seus pais: raízes e asas.”²⁸ As raízes ligam-nos ao passado; as asas projectam-nos para o futuro. Pelas raízes recebem a vida, a identidade e a necessária estabilidade para poderem viver. Mas para viver, precisam de voar, isto é, de adquirir a devida autonomia e liberdade, coragem e generosidade para, também eles, contribuírem para a vida, colaborando na criação de novas vidas.

O mesmo ciclo e segredo da vida é expresso e completado por Jesus com a não menos sugestiva imagem da semente: *Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica só; mas se morrer dará muito fruto* (Jo 12, 24). A novidade aqui está no morrer, ou melhor, no desfazer-se da própria vida para a dar a outros... que, por sua vez, farão

28. Citado em Youcat. *Catecismo Jovem da Igreja Católica*, p. 205.

o mesmo, para que a (sua) vida não acabe, mas antes se alargue e prolongue mais e mais; numa palavra: para que seja verdadeira vida; acabando, deixa de o ser.

Foi assim com Jesus, especialmente no auge da sua vida terrena, com a morte e a ressurreição. E se Ele, dando a vida, deste modo a ganhou para sempre, foi para que todos *tenham a vida e a tenham em abundância* (Jo 10, 10). De facto, é a Ele, neste amor ilimitado, que muitos pais vão buscar a coragem para seguirem o seu exemplo, antes de mais na criação e educação dos filhos. Mas sem esquecer a sociedade em que vivem e que tanto precisa do exemplo e do resultado deste amor, desta bênção do Senhor.



OS FILHOS SÃO UMA BÊNÇÃO PARA A SOCIEDADE

LUGAR E MISSÃO DA FAMÍLIA NA SOCIEDADE

18 Segundo o Salmo 126/127, 4-5, a missão (e bênção) dos filhos para com a sociedade consiste sinteticamente na vigilância contra possíveis ataques à sua segurança e integridade. Daí as imagens bélicas usadas: *Como flechas nas mãos de um guerreiro, assim os filhos nascidos na juventude. Feliz o homem que assim encheu a aljava: não será confundido, quando enfrentar os inimigos às portas da cidade.*

O homem em causa é o pai de família, mas junto às portas da cidade, o lugar mais estratégico das cidades de então. Era junto das portas, do lado de dentro, que, em geral, funcionavam os poderes judicial e administrativo das cidades e se concentrava o comércio. E era pelas portas que mais facilmente se podiam infiltrar os inimigos. Os ataques podiam, portanto, vir de dentro ou de fora; e, ao defenderem-se deles, os filhos lutavam ao mesmo tempo pela família e pela cidade, mutuamente dependentes – mas com a prioridade para a família. Dela provinham as vigias, e quanto mais cedo, relativamente à idade dos pais, e mais numerosas, obviamente melhor, para a cidade e para a família.

O que o Salmo assim exprime é reafirmado globalmente pela Igreja: à família cabe a missão, recebida do Criador, “de ser a célula

primeira e vital da sociedade.”²⁹ E se é dela que a sociedade imprescindivelmente vive, é dever desta, designadamente na sua organização estatal, “respeitar e promover a família”³⁰ – e isto, acima de tudo o mais, para a resolução de um dos problemas que, hoje e entre nós, mais afecta a existência da sociedade e para o qual não há solução possível sem o contributo mais básico da família:

A BAIXA NATALIDADE

19 Olhemos para os números, no nosso País.³¹ Em 2013 nasceram em Portugal à volta de 82.000 crianças – menos cerca de 7.000 do que no ano anterior e muito menos de metade das que nasciam nos anos 60 do século passado. Enquanto o número médio de filhos por mulher era então de 3,2, em 2013 foi de 1,21, muito abaixo portanto dos 2,1 necessários para a substituição de gerações, um limite que se perdeu desde 1982.

Foi, pois, a partir de 1980 que a natalidade começou a decrescer abruptamente entre nós: passou de 16,2 nascimentos por mil habitantes nessa altura para 11,7 em 2000 e 7,9 em 2013. Somos hoje o País da União Europeia com a taxa mais baixa.

Com isto está relacionada a idade média das mulheres, quando têm o primeiro filho: passou de 23,5 anos em 1983 para 29,7 em 2013. Muitas delas ficam-se por um filho, às vezes dois. Mas é frequente não terem nenhum.

Um dos resultados desta evolução está a ser, antes de mais, a crescente diminuição do número de habitantes. Só em 2013 – em que nasceram 82.787 pessoas e faleceram 106.553, e em que houve um saldo migratório negativo de cerca de 36.000 – o nosso País

perdeu à volta de 60.000 habitantes. Pensa-se que, por este andar, seremos um milhão a menos em 2030.

A isto junta-se o envelhecimento da população, com o número de jovens a diminuir e o de idosos a aumentar (neste caso, devido também à crescente subida de média de vida entre nós). Desde a viragem do século, as pessoas com 65 e mais anos passaram a superar em número as que têm menos de 15, com tendências para a diferença aumentar. Pergunta-se: que futuro para um País assim?

20 Paralelamente a esta evolução negativa, há entretanto a registar uma série de dados positivos que, pelo menos alguns deles, a deveriam estancar.

É, antes de mais, o caso da taxa de mortalidade infantil entre nós: se no início dos anos 60 rondava os 80%, hoje é inferior a 4%. Portugal é mesmo o País da União Europeia com a maior redução nos últimos 50 anos. A par disto desceu também, no mesmo período, o índice de mortalidade materna de 116 para 5 por cem mil.

De assinalar é também o enorme progresso nos meios técnicos e medicinais de combate à esterilidade que, no nosso País, se situa entre os 9 e os 10% da população, afectando cerca de 120.000 casais. Detectadas as causas, é hoje possível removê-las em cerca de 75% dos casos. E isto sem recorrer a meios eticamente questionáveis ou mesmo reprováveis. E sendo impossível a via biológica, resta sempre a da adopção, a que, de resto e generosamente, recorrem também casais com filhos carnis.

Entretanto foi aumentando também o tempo de escolaridade obrigatória para todos, até chegar hoje ao 12º ano. É verdade que com isso se atrasa a entrada dos jovens no mundo do trabalho e, simultaneamente, crescem e prolongam-se os encargos

29. II Concílio Ecuménico do Vaticano, Dec. *Apostolicam Actuositatem*, n. 11.

30. João Paulo II, *Familiaris Consortio*, n. 45.

31. Dados recolhidos de algumas das intervenções no encontro do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida, em 08.11.2013, sobre *Demografia, Natalidade e Políticas Públicas*, publicadas com o mesmo título em 2014 na Colecção Bioética 17. Os dados relativos a 2013 foram entretanto actualizados pela Pordata.

dos pais, sobretudo financeiros. Mas será essa a razão principal da descida da natalidade? Um facto é certo: há famílias numerosas e que nem são materialmente abastadas, mas nas quais todos os filhos estudam e frequentemente com mais sucesso do que os de outras mais abonadas.

Com isso prende-se um outro dado: o aumento do nível de escolarização das mães. A meio dos anos 90 só uma em cada dez crianças nascia de mãe com habilitações superiores; actualmente é de uma em cada três. E, juntamente com a escolarização, tem aumentado a sua participação activa no mercado de trabalho; o que exige uma maior colaboração do pai em tarefas domésticas, como de resto tem vindo a aumentar, embora ainda timidamente.

A isto junta-se a quantidade e a qualidade crescentes de instituições ao serviço de filhos: creches, infantários, actividades nos tempos livres (ATL) para filhos em idade escolar. Como maior é hoje também a disponibilidade de avós (e outros familiares) para cuidarem dos netos (e de outras crianças), um dos efeitos positivos da maior longevidade.

Tudo isto pode facilitar a vida aos casais em que ambos os cônjuges trabalham. Ficam, sem dúvida, com menos tempo para os filhos. Mas não renunciam a tê-los e, nalguns casos, até em número assinalável. Aliás, se trabalham fora de casa, é primariamente por causa dos filhos. Quando muito, podem interrogar-se se eles precisam realmente de todo o rendimento obtido pelo trabalho; ou se não será preferível diminuir o tempo gasto nele ou mesmo interrompê-lo (sendo possível), mormente em idades e situações em que as crianças mais precisam do acompanhamento dos pais. Mas se é possível conjugar o trabalho com a vida familiar, então também não é (só) por causa da actividade laboral que a natalidade tem baixado tanto entre nós.

Mais séria e preocupante é, sim, a razão contrária: a falta de trabalho, particularmente entre jovens com formação profissional concluída ou em vias disso. É preocupante porque, estando na idade (ideal) para constituir família e ter filhos, falta-lhes para isso a

necessária estabilidade, não só económica, como sobretudo emocional. O trabalho, mais do que (somente) fonte de rendimentos materiais, é um dos melhores meios para nos darmos aos outros e assim nos realizarmos como pessoas. Não admira por isso que jovens casais total ou parcialmente desempregados protelem a decisão de terem filhos, pelo bem que lhes querem, mas correndo o perigo de, quando a tomarem, seja tarde de mais, por diversas razões.

Por isso, talvez seja na criação e promoção de emprego para jovens que o Estado mais tenha de investir. Mas sem alimentar uma dependência estatal que adormeça ou coarcte a iniciativa e a criatividade pessoais. E sobretudo que não se apoie num modelo de sociedade que leve os casais a perderem a noção do que é realmente prioritário na vida, preocupando-se demasiado com a segurança e o bem-estar materiais, para terem filhos.

QUE MODELO DE SOCIEDADE PARA O BEM DA FAMÍLIA?

21 Além da intervenção estatal acabada de referir, haveria muitas outras a apontar, nomeadamente no campo laboral, jurídico, financeiro, fiscal, etc.. Mas não as abordamos aqui. Não por não serem importantes ou por falta de espaço. A razão principal é outra: não nos desviarmos do fundamental, isto é, do modelo de sociedade que está e não deveria estar por detrás de todas as medidas do Estado em favor da família.

Uma coisa é certa, ainda relativamente à natalidade: não são apenas essas medidas, por mais e melhores que sejam, que convencem os casais a terem (mais) filhos. Se assim fosse, um país rico como a Alemanha, em que tais medidas são invejáveis, não ocuparia, na União Europeia, o penúltimo lugar na taxa bruta de natalidade, com 8,5 nascimentos por mil habitantes em 2013. De resto, no mesmo ano e no conjunto dos países da União, a taxa ficou-se pelos 10,0, não se prevendo que suba muito mais. Porquê?

Porque vivemos numa sociedade em que a economia se sobre-
põe e impõe a tudo o resto – até se tornar, no dizer do Papa Francisco,
“uma economia da exclusão e da desigualdade social”. Segundo ele,
“hoje tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte,
onde o poderoso engole o mais fraco”. Resultado: “O ser humano é
considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode
usar e depois deitar fora.” Estamos perante uma “nova idolatria do
dinheiro”, que leva à “negação da primazia do ser humano”, à sua
redução “apenas a uma das suas necessidades: o consumo.”³²

22 Que isto está subjacente ao problema da baixa natalidade, pode
ver-se já a partir de duas das razões mais comumente apresentados
para a combater: a falta de futuros trabalhadores e contribuintes
que garantam a sustentabilidade da Segurança Social; e o desem-
prego de milhares de professores (e outros funcionários), devido ao
esvaziamento das escolas. Repare-se na total inversão de priorida-
des: não é a escola, com os professores, que está ao serviço dos alu-
nos, mas precisamente o contrário; e se houvesse outros meios para
manter o sistema social, porque não dispensar as crianças, tanto
mais que são elas quem mais consome? Ou seja, num caso como no
outro, as crianças (até à idade adulta) são vistas primariamente, não
como pessoas, mas como meros meios de produção e consumo.

E não terá sido isso que, em última análise, mais tem contribuí-
do para a sua drástica redução? Ou são descartadas, porque só dão
trabalho e despesa; ou então enchem-se de bens materiais, por vezes
até à saturação, mas pela mesma razão, isto é, para não darem tra-
balho nem importunarem tanto os seus responsáveis. E, sobretudo,
as poucas que vão restando são educadas no mesmo círculo vicioso
de produção e consumo... até elas próprias serem consumidas. Que
futuro para uma sociedade que, deste modo, se está a autodestruir?

E isto, em grande parte, com o beneplácito do Estado. Se não,
vejamos algumas das suas decisões, nomeadamente no campo legis-

32. Em: *A Alegria do Evangelho*, nn. 53 e 55.

lativo, surgidas precisamente quando a natalidade já estava em que-
da acentuada: a lei da interrupção voluntária da gravidez, que per-
mite eliminar muitos milhares de vidas por ano e de um modo em
que é mais fácil e barato (para as mães) abortar do que dar à luz; a le-
gislação sobre o divórcio que, ao facilitá-lo, fez com que disparasse o
seu número, para mal sobretudo dos filhos; o programa da educação
sexual nas escolas que, na prática, se reduz e prevenir os alunos do
risco da gravidez ou de doenças contagiosas, em vez de os preparar e
motivar para uma afectividade responsável e respeitadora do outro.

23 Para a mentalidade e a cultura em que tudo isto assenta, como
causa e efeito, contribuem também, e de que maneira, os órgãos
de comunicação social dominantes entre nós: ou porque estão ao
serviço do consumo desenfreado, designadamente através de uma
publicidade que tem, com frequência, as crianças como alvo pri-
vilegiado, devido à sua fraca capacidade de resistência; ou ainda
porque, na luta competitiva por leitores, ouvintes ou expectado-
res, transmitem notícias e programas de conteúdos e imagens mo-
ralmente cada vez mais baixos e em que as maiores vítimas são as
crianças e os jovens; ou ainda porque se ocupam tanto e de tal modo
com outros modelos de uniões ou de famílias, que quase se fica com
a impressão de que o mais normal e completo (o de esposa e marido)
pertence ao passado (chegando-se ao ponto de a expressão “famí-
lia tradicional” ser usada em sentido pejorativo), e quem o defende
não passa de um retrógrado.

Que também isto tem efeitos negativos na natalidade, basta
observar, por exemplo, o modo como membros de famílias nume-
rosas são tantas vezes olhados e tratados pela opinião pública do-
minante: como uns ignorantes ou uns pobres (ou muito ricos) ou,
se calhar, as duas coisas – um desdém descarado ou sub-reptício, a
que é muito difícil resistir, mesmo por parte de cristãos ou de quem
pensa sê-lo. Que fazer então?

24 É no combate a esta mentalidade e cultura, abertamente mundanas e desumanas, e na sua mudança que a Igreja hoje, nomeadamente na nossa Diocese, mais tem de investir. Até porque nem os seus próprios membros estão imunes delas. E os cristãos que já pensam e agem de modo contrário, precisam de fortalecer as suas convicções, pelo amor que têm e o bem que querem aos seus, às suas famílias e à sociedade em que vivem, de que vivem e para que vivem.

Para isso a Igreja nunca pode perder de vista que *os filhos são uma bênção do Senhor*. E agir em consequência: acolhê-los, respeitá-los e promovê-los na sua intocável dignidade de pessoas e em todas as fases da sua vida. Mesmo e sobretudo na perspectiva do seu (futuro) contributo para a sociedade como seus “construtores” e “guardas”. Como veremos a seguir, o mesmo Deus e Senhor que nos oferece e nutre por eles um especial carinho, dá-lhes um lugar único na sua Igreja e, por meio dela, na sociedade em que vivemos. Assim a Igreja, no seu todo, o queira e faça, e a sociedade o aceite.



OS FILHOS SÃO UMA BÊNÇÃO PARA A IGREJA

OS FILHOS QUE SE TORNAM FILHOS DA IGREJA

25 S. Agostinho, como outros Padres da Igreja, interpreta o Salmo 126/127 nesta perspectiva eclesial: “A casa de Deus é também a cidade de Deus. A casa de Deus é o povo de Deus, porque a casa de Deus é o templo de Deus. Que diz o Apóstolo? *O templo de Deus é santo, e esse templo sois vós*. Todos os fiéis são casa de Deus. Não apenas os que existem agora, mas também os que viveram antes de nós e já adormeceram no Senhor, e os que existirão depois de nós, que ainda hão-de nascer até ao fim dos tempos. Esses fiéis formam uma multidão inumerável, que só o Senhor pode contar: *Ele conhece os que lhe pertencem*”.³³

Já neste sentido eclesial do Salmo, os filhos são uma bênção para a Igreja. Aliás é isso que se pede ao Senhor para os esposos que acabam de se unir pelo vínculo matrimonial: que “a virtude do Espírito Santo inflame os seus corações, para que, no dom recíproco do seu amor, alegrem com seus filhos a família e a Igreja.”³⁴ Hão-

33. Citado em: *Saltério. Salmos e Cânticos da Liturgia das Horas pela ordem do Saltério*, 4ª edição de 2005, do Secretariado Nacional de Liturgia, pp. 629–630. As palavras em itálico são de citações bíblicas. Veja-se ainda, com semelhante interpretação, o comentário de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, *Comentário aos Salmos* (edição bilingue, com introdução, tradução e anotações de Manuel Isidro Alves), obras completas, vol. X, Fátima 1991, pp. 402–405.

34. Terceira bênção esponsal proposta no *Ritual Romano da Celebração do Matrimónio*, 3ª edição, n. 244.

–de alegrar a Igreja, na medida em que nela os incorporarem e os iniciarem na sua construção – como filhos que a Igreja gera “pela pregação e pelo Baptismo.”³⁵

Mas os filhos são uma bênção do Senhor para a Igreja, antes mesmo de nela assim entrarem e numa fase tão inicial da vida, que ainda pouco ou nada de activo se pode esperar deles: quando e como simples crianças. Já então, na idade mais infantil, eles são um dos maiores bens para a Igreja – conforme o que Jesus nos diz (em Mc 10, 15):

*QUEM NÃO ACOLHER O REINO DE DEUS
COMO UMA CRIANCINHA, NÃO ENTRARÁ NELE*

26 Estas palavras fazem parte da cena (de **Mc 10, 13–16**) que começa com a tentativa dos discípulos para afastarem do Mestre as crianças que lhe eram apresentadas. Talvez nos choque esta atitude dos discípulos. Mas a verdade é que eles agiam de acordo com o que então, entre Judeus e Romanos, comumente se pensava das crianças. Incapazes como eram de cumprir a maior parte da Lei e de contribuir activamente para o bem e o progresso da sociedade, não se lhes reconhecia a mesma dignidade dos adultos; a infância não passava de uma etapa prévia para a plena maturidade. Então sim, podia contar-se com elas. Mas agora, ocupar Jesus, tão exigente no seu anúncio do reino de Deus, com quem era ainda incapaz de, livre e conscientemente, aceitar esse reino, era no mínimo uma perda de tempo.

Jesus reage com uma indignação não menos provocatória, mas para a mentalidade utilitarista e consumista já então dominante: *Deixai vir a mim as criancinhas, não as estorveis: dos que são como elas é o reino de Deus* — uma afirmação solenemente reforçada com as palavras em título: *Em verdade, em verdade vos digo: quem não acolher o reino de Deus como uma criancinha, não entrará nele*. Os rejeitados pelos discípulos são, afinal, os privilegiados por Jesus. Mais: as crian-

ças são mesmo por Ele apresentadas como modelos da fé, necessária para se entrar no reino de Deus. Em que sentido? Que temos nós a aprender delas para chegarmos até Deus e Deus reinar em nós?

27 Tomemos como ponto de partida a nossa própria experiência de adultos naquilo que mais habitual e espontaneamente sentimos perante uma criança de tenra idade. Será frieza, dureza ou até desprezo? Pelo contrário: o mais habitual e humano é acarinhá-la, descer ao seu nível, com uma ternura expressa, por exemplo, num sorriso, em carícias e até na linguagem infantil que tantas vezes com ela adoptamos. Portanto, a criança atrai-nos, prende-nos, conquista-nos. Por que razão?

Provavelmente porque nos desperta para o que nós próprios experimentámos na sua idade: a alegria de nos vermos amados mais do que nunca – mas uma alegria que parte das limitações, das indigências especialmente grandes em crianças. Porque pouco ou nada tem para sobreviver por si própria, a criança abre-se totalmente aos outros, à dádiva e ao doador. Veja-se como se entrega à mãe, ao pai, a outros familiares e até a estranhos, desde que, de algum modo, lhe conquistem a confiança. Ou repare-se como, em situações de maior fragilidade, por exemplo uma queda, a criança procura com redobrada intensidade o regaço reconfortante da mãe. Ou então imagine-se o sofrimento que se apodera da criança, ao ver-se só e desamparada ou, pior ainda, desprezada ou violentada por quem a devia amar.

Se a criança está assim, por natureza, aberta ao dom e à vida que gratuitamente lhe é oferecida, está aberta também a Deus. Devido à sua idade, ainda não tem noção disso. Mas a inteira confiança com que se entrega àqueles que lhe dão a vida, será, no mínimo, a mesma que um dia poderá depositar em Deus, o Senhor da vida — quando descobrir que afinal é Ele que actua nos pais e em outros seus mediadores. É que também eles foram crianças indigentes. E

35. II Concílio Ecuménico do Vaticano, Const. Dog. *Lumen Gentium*, n. 64.

têm agora, perante o filho recebido e ao qual se dão, uma ocasião providencial para disso mais se aperceberem e o agradecerem a Deus, pelo menos com a mesma intensidade com que o filho a eles se confia.

Razão tem, portanto, Jesus para nos propor as criancinhas como modelos de fé para acolhermos o reino de Deus e nele entrarmos. E sendo elas, também assim, uma bênção do Senhor, devem ser consequentemente acolhidas, por nós cristãos, na sua dignidade de pessoas – e com o mesmo amor com que Jesus o fez e nos mandou fazer, nomeadamente quando nos diz (em Mc 9, 37):

*QUEM RECEBER UMA DESTAS CRIANCINHAS
EM MEU NOME É A MIM QUE RECEBE*

28 Estas palavras fazem parte de uma outra cena (em **Mc 9, 33–37**), complementar à que acabámos de ver. No caso presente, tudo parte da discussão entre os discípulos sobre qual deles era o maior. Resposta de Jesus: «*Quem quiser ser o primeiro entre vós será o último de todos e o servo de todos*». E para ilustrar este ensinamento, Jesus, *tomando uma criancinha, colocou-a no meio deles, abraçou-a e disse-lhes: «Quem receber uma destas criancinhas em meu nome é a mim que recebe; e quem me receber não me recebe a mim, mas Aquele que me enviou»*.

Aqui, a questão central é, portanto, a da autoridade, necessária na Igreja, como em qualquer sociedade organizada. Mas que autoridade? Como adquiri-la e exercê-la?

A questão reaparece mais tarde, quando dez dos doze discípulos ficaram mesmo indignados com os dois filhos de Zebedeu, por estes tentarem obter do Mestre as honras e o poder que os colegas também queriam (Mc 10, 35–45). Talvez por isso, Jesus vai mais longe do que na resposta anterior. Começa por contrapor o que é específico da sua Igreja aos critérios dominantes no mundo: enquanto neste habitualmente são os súbditos que estão ao serviço dos poderosos, na Igreja quem aceitar ser *grande e primeiro* tem de ser *servo* dos outros e até

escravo de todos. É que, conclui Jesus, também Ele *não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de todos*.

É neste serviço abnegado de Jesus, até ao escravizante rebaixamento da cruz, mas necessário para redimir o mundo do pecado (em que se inclui o da busca desenfreada do poder) – é num serviço assim que pode ver-se o significado profundo dos gestos e das palavras de Jesus na cena anterior:

Como gestos, coloca-se no meio dos discípulos com uma criancinha e abraça-a. Que Ele se ponha no meio, percebe-se porquê: aos olhos dos discípulos, ninguém é maior do que Ele. Mas, por que razão com a criancinha? Antes de mais, para lhes mostrar que aquela criança, como todas as outras, está no centro das atenções, d’Ele e dos seus discípulos. E no centro, para quê? Porque as crianças – pela sua indigência, o baixo estatuto social e os abusos a que estão sujeitas – carecem, como tantos outros indigentes, do serviço dedicado e gratuito, d’Ele e dos seus discípulos, um serviço expresso no abraço. E ao abraçá-la, entrega-se de tal modo a ela, que se torna um só com ela, se faz propriedade dela, como um escravo pertence ao seu senhor. É por isso impossível imaginar Jesus sem aquele pequenino e todos os outros pelos quais se deixa possuir.

O que os seus gestos já assim exprimem é confirmado pelas palavras que a eles acrescenta: *Quem receber uma destas criancinhas em meu nome* (como meu discípulo e representante) *é a mim que recebe*. É muito semelhante ao que dirá mais tarde, mas então como rei glorioso e aos que se salvam para sempre, por praticarem as obras de misericórdia que Ele realiza: *Quantas vezes o fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes* (Mt 25, 40). Isto é, Jesus atingiu o máximo da sua autoridade, até se tornar juiz universal, quando, pela degradante morte na cruz, ofereceu a sua vida por todos, incluindo os mais pequeninos. E os discípulos só participarão dessa autoridade, até à entrada definitiva no reino de Deus, se, como Ele e com Ele, usarem da mesma misericórdia, assumirem as misérias dos outros no seu coração.

29 Tudo isto pode parecer sobre-humano. Mas desumano não é, de maneira nenhuma. Senão, reparemos no que se passa com as (verdadeiras) mães (e pais). Também elas, pela incondicional doação aos filhos, se fazem autênticas escravas deles. E (talvez estranhamente para muitos) é assim que se sentem realmente felizes. Porque é nesta inteira doação que, nos filhos a quem dão a vida, sobrevivem à morte. Mas já em vida, a sua autoridade, obtida do mesmo modo, é reconhecida pelos filhos. Os próprios o dizem frequentemente: “Não há melhor mãe no mundo do que a minha.”

Mas, que todo este caminho, para a autoridade e a vida já neste mundo, é muito difícil de percorrer, não apenas na sociedade, mas também na família e até na Igreja, dá-o a entender o próprio Jesus, quando, às palavras que acaba de dizer-nos, acrescenta:

*E QUEM ME RECEBER NÃO ME RECEBE A MIM,
MAS AQUELE QUE ME ENVIOU*

30 Com estas palavras Jesus remete-nos para Deus, seu Pai, como a fonte última da autoridade, sua e dos discípulos, designadamente no acolhimento das crianças.

Que Jesus está unido ao Pai na mais íntima e profunda comunhão, é repetidamente dito por Ele ou pelos que sobre Ele escrevem, em todo o Novo Testamento. Por exemplo, no Evangelho segundo S. João, a começar pelo prólogo que termina assim: *A Deus, nunca ninguém o viu. O Filho Unigénito, que está no seio do Pai, é que o deu a conhecer* (Jo 1, 18). Daí afirmações por parte de Jesus como estas: *Eu e o Pai somos um* (10, 30); ou: *Eu estou no Pai e o Pai está em mim* (14, 10).

E é nesta união no ser que radica a união, não menos única, no agir: *O Filho nada pode fazer por si próprio, mas só aquilo que viu ao Pai fazer; e tudo o que o Pai faz, também o Filho o faz igualmente. Porque o Pai ama o Filho e lhe manifesta tudo quanto faz* (5, 19-20).

Nestas últimas palavras Jesus diz-nos também em que radica e consiste esta dupla união: no amor que Ele recebe do Pai – o amor

que une as três pessoas divinas numa só natureza e se manifesta nas obras realizadas pelo Filho, até à sua consumação na cruz. *Aí, Ele que amara os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim* (13, 1). Até ao fim ou ao máximo, porque *ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos* (15, 13).

E a nós, que Ele assim amou, deixou-nos em testamento o mesmo mandamento do amor, como identificativo imprescindível da nossa condição de cristãos: *Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros* (13, 34-35).

E, finalmente, para pormos este amor em prática, recebemos, pela sua intercessão de ressuscitado, o Espírito consolador enviado pelo Pai: *Se me amardes, guardareis os meus mandamentos. E eu pedirei ao Pai, que vos dará um outro Paráclito, para estar sempre convosco* (14, 15-16).

31 É com base nesta comunhão e neste amor trinitários que Jesus, servindo-se da imagem da videira e seus ramos, diz à sua Igreja: *Eu sou a videira, vós sois os ramos. Se alguém permanece em mim e eu nele, esse dará muito fruto. Porque sem mim, nada podeis fazer* (15, 5).

De facto, só n’Ele a Igreja consegue manter-se imune àquelas contaminações do mundo que a podem destruir na sua identidade, nomeadamente no que respeita ao (ab)uso das riquezas e do poder. Só n’Ele os membros da Igreja têm a garantia do discernimento e da coragem necessários para aceitar e exercer esse poder como serviço generoso e gratuito, especialmente para com os mais frágeis e necessitados, entre aos quais estão as crianças. Só n’Ele é que elas, pela sua indigência e consequente abertura ao dom, podem ser vistas e seguidas como modelo da fé que dá acesso ao reino de Deus, um reino aberto a todos no tempo e no espaço.

Em suma e como consequência disso: só em Cristo a Igreja está em condições de acolher as crianças como bênção do Senhor e de as ajudar a crescer de modo a manterem-se sempre abertas ao dom e a tornarem-se, também elas, mediadoras de novas bênçãos do

Senhor, não só para a mesma Igreja, mas também para a família e a sociedade. É que, como cabeça da Igreja, é Ele quem nela actua, nomeadamente no acolhimento e na educação das crianças: acolhimento, sobretudo pelos sacramentos da iniciação cristã; e educação, principalmente na catequese.

OS SACRAMENTOS DA INICIAÇÃO CRISTÃ

32 São eles o Baptismo, a Confirmação e a Eucaristia. Chamam-se «da iniciação cristã», porque através deles “são lançados os *alicerces* de toda a vida cristã.” E isto numa “certa analogia com a origem, crescimento e sustento da vida natural. Nascidos para uma vida nova pelo Baptismo, os fiéis são efectivamente fortalecidos pelo sacramento da Confirmação e recebem na Eucaristia o Pão da vida eterna. Assim, por estes sacramentos da iniciação cristã, eles recebem cada vez mais riquezas da vida divina e avançam para a perfeição da caridade.”³⁶

A analogia com a vida natural é ainda maior, quando a iniciação se reparte, como é o caso mais habitual entre nós, pela fase etária que vai do nascimento à maturidade.³⁷ O Baptismo, como nascimento para a vida divina, é recebido na proximidade do nascimento para a vida humana. As crianças começam a comungar pouco depois de atingirem o uso da razão e entrarem na idade escolar em que, com mais capacidade de autogoverno, necessitam também de mais energia. Os adolescentes são confirmados no início ou perto da maturidade, em que assumem mais responsabilidades e para isso carecem de mais conhecimentos e de maior firmeza física e psíquica, moral e espiritual.

36. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1212, com uma citação da Const. Apost. *Divinae consortium naturae* de Paulo VI. O itálico é do original.

37. Não falaremos da iniciação cristã de adultos, porque, ainda que seja o modelo para a das crianças, raramente se realiza na nossa Diocese.

Torna-se assim também mais evidente que a vida natural e a vida nova, iniciada com o Baptismo, não são realidades paralelas. Ambas têm origem em Deus. E se precisamos de renascer d’Ele, é para nos tornarmos mais humanos e humanizantes; o que não seremos, se Ele, pela sua graça, não nos libertar do pecado e da inclinação para ele e não nos fortalecer contra a sua influência mortífera — o pecado em que facilmente (re)caímos, se ficarmos entregues a nós próprios e às nossas limitações humanas.

33 É por isso que da iniciação na vida divina faz parte a iniciação ou integração na Igreja. Necessitamos dela por várias razões:

Antes de mais, porque, já como seres humanos, somos por natureza sociais. Nascemos e vivemos de outros para os outros. E à medida que crescemos, vamo-nos integrando na sociedade, inicialmente como membros prevalentemente passivos, e depois cada vez mais activos. O mesmo acontece na vida divina. “O Deus trino é, em si mesmo, «social», uma comunhão, um eterno intercâmbio de amor. Também o ser humano, segundo o modelo de Deus, visa relação, permuta, participação e amor.” É para isso que Ele nos quer na sua Igreja: “porque nos quer salvar, não individualmente, mas em comunhão.”³⁸

Precisamos ainda da Igreja, porque a fé, necessária para recebermos os sacramentos da iniciação cristã, é — como se proclama nas celebrações do Baptismo e do Crisma — “a fé da Igreja”. A fé é sempre “um acto pessoal, uma resposta livre do homem à proposta de Deus. Mas não é um acto isolado. Ninguém pode acreditar sozinho, como ninguém pode viver sozinho. Ninguém se deu a fé a si mesmo, como ninguém a si mesmo se deu a vida. Foi de outrem que o crente recebeu a fé”, é da Igreja que ele a recebe. Por isso, “«crer» é um acto eclesial. A fé da Igreja precede, gera, suporta e nutre a nossa fé. A Igreja é a mãe de todos os crentes.”³⁹

38. *Youcat. Catecismo Jovem da Igreja Católica*, n. 122. Sobre isto veja-se também a Nota Pastoral *Esta é a nossa fé: Cristo em nós*, n. 6, que escrevi em 2012, como subsídio para a vivência do Ano da Fé (em 2012-2013) na nossa Diocese.

39. *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 166 e 181.

Precisamos, enfim, da Igreja, porque precisamos de Cristo; e Ele instituiu a Igreja para, nela e por ela, se dar aos homens e mulheres de todos os tempos e lugares. Por isso se chama à Igreja o «corpo de Cristo». “Sobretudo pelos sacramentos do Baptismo e da Eucaristia surge uma indissolúvel ligação entre Jesus Cristo e os cristãos. A ligação é tão forte que ela o une a nós como uma «cabeça» aos membros de um «corpo» humano.”⁴⁰ Portanto, só na comunhão da Igreja é possível receber Cristo e, n’Ele, “avançar para a perfeição da caridade”, que a caracteriza e foi referida atrás (n. 32) como objectivo dos sacramentos da iniciação cristã.

34 Cristo actua na Igreja, sobretudo “pelos sacramentos, que instituiu para comunicar a sua graça. Ele está presente no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro — o que se oferece agora pelo ministro é o mesmo que se ofereceu outrora na Cruz — quer sobretudo sob as espécies eucarísticas. Está presente com a sua virtude nos sacramentos, de modo que, quando alguém baptiza, é o próprio Cristo que baptiza.”⁴¹

E faz-se presente com a vida que nos obteve pela sua morte e ressurreição — “o único acontecimento da história que não passa jamais: morre, é sepultado, ressuscita de entre os mortos e senta-se à direita do Pai, *uma vez por todas* (Rm 6, 10; Heb 7, 27; 9, 12). É um acontecimento real, ocorrido na nossa história, mas único; todos os outros acontecimentos da história acontecem uma vez e passam, devorados pelo passado. Pelo contrário, o mistério pascal de Cristo não pode ficar somente no passado, já que, pela sua morte, Ele destruiu a morte; e tudo o que Cristo é, tudo o que fez e sofreu por todos os homens, participa da eternidade divina, e assim transcende todos os tempos e em todos se torna presente.”⁴²

40. *Youcat. Catecismo Jovem da Igreja Católica*, n. 126.

41. *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 1084 e 1088, neste com uma citação da Const. Lit. *Sacrosanctum Concilium*, n. 7, do II Concílio do Vaticano.

42. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1085.

Na sua presença pelos sacramentos adapta-se às situações em que cada cristão se vai encontrando ao longo da vida. “Os sete sacramentos tocam todas as etapas e momentos importantes da vida do cristão.”⁴³ As situações divergem, mas as graças específicas de cada sacramento provêm sempre da salvação alcançada por Cristo na sua morte e ressurreição. Em todos os sacramentos se revive, pois, o mesmo e único mistério pascal.

35 O esquema que acabamos de seguir sobre os elementos comuns aos três sacramentos da iniciação cristã, repeti-lo-emos na exposição que se segue sobre o específico de cada um deles. Isto é, teremos em conta os seguintes três aspectos:

→ Primeiramente, a relação entre a vida natural do candidato e a vida divina que lhe é oferecida. Apoiar-nos-emos para isso nos sinais ou símbolos constitutivos de cada sacramento. “Deus sabe que nós, os humanos, somos seres não apenas espirituais, mas também corporais.” Por isso, Ele, “que se fez carne, dá-nos sinais humanos em que Ele está vivo e activo entre nós: o pão e o vinho, a água do Baptismo, a unção com o Espírito Santo.”⁴⁴ São, todos eles, substâncias naturais mais ou menos imprescindíveis para a vida humana.

→ Em segundo lugar, e baseando-nos sobretudo nas fórmulas sacramentais (as palavras que acompanham os sinais, para lhes dar sentido e os tornar eficazes), veremos o que Cristo faz em nós, pelo Espírito Santo que nos dá. É este Espírito, como o ar (em latim *spiritus*) que respiramos, que penetra em cada um de nós, para nos transformar e vivificar. E “o fruto do Espírito na liturgia é, inseparavelmente, comunhão com a Santíssima Trindade e comunhão fraterna.”⁴⁵

→ Reflectiremos, finalmente, sobre a dimensão eclesial de cada sacramento. Se é na Igreja que são celebrados e é nela que se

43. *Ibidem*, n. 1210.

44. *Youcat. Catecismo Jovem da Igreja Católica*, n. 181.

45. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1108.

vão integrando os cristãos, pergunta-se: que pode e deve fazer-se nas comunidades cristãs, designadamente com o acolhimento e as celebrações, para que cada baptizado, com os seus familiares, se sinta e mantenha plenamente como seu membro, aberto à dádiva e seu mediador? Ou, por outras palavras, que fazer para que ele seja, realmente e cada vez mais, uma bênção para a sua família eclesial e natural e para a sociedade?

O BAPTISMO QUE NOS REGENERA

36 “Baptismo” significa “banho” – naturalmente com água, uma substância essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos. Cobre cerca de 70% da superfície terrestre, e constitui à volta de 2/3 do corpo humano. Devemos a vida, nos seus primeiros nove meses, às “águas” (o líquido amniótico) que nos envolveram no seio materno, e, depois de nascermos, nunca mais deixámos de beber água e de com ela nos purificarmos.

É sobretudo nesta última função que a usamos no banho baptismal, que pode consistir numa imersão total ou parcial ou numa simples infusão. Mas as sujidades que mais destroem as nossas vidas não são as materiais. O pecado – como prática do mal, inclinação para ele, estado em que cada um pode cair ou “estado nocivo da humanidade em que nasce o indivíduo, antes mesmo de, por livre vontade, ele pecar”⁴⁶ – todo o pecado é muito mais arrasador, porque afecta a alma e a sua imortalidade.

É deste pecado que o Baptismo nos limpa – com uma purificação espiritual, isto é, em que intervém o Espírito Santo. O próprio Jesus o diz: *Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus* (Jo 3, 5). A força vivificante da água é reforçada pelo Espírito, comum a Deus e a Cristo, e torna-se assim infinitamente mais vivificante.

46. Youcat. *Catecismo Jovem da Igreja Católica*, n. 68, a propósito do “pecado original”.

37 Para isso é que a tríplice infusão (ou imersão) é acompanhada pelas palavras do ministro, a seguir ao nome do baptizando: “Eu te baptizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.” São palavras com duas funções complementares: invocar sobre o baptizando o mesmo Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, ao qual os pais e padrinhos, imediatamente antes, se tinham confiado pela igualmente tríplice confissão de fé; e, na sequência disso, declará-lo propriedade de Deus, como resultado da sua acção vivificante de Pai criador, Filho redentor e Espírito santificador.

Porque devemos a Deus a vida – tanto a natural (pela geração humana) como a espiritual (pela regeneração baptismal) – lhe chamamos Pai. Mais: quando Ele, pelo renascimento baptismal, *enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho*, foi tão íntima a comunhão que Ele então estabeleceu connosco, ao adoptar-nos como filhos, que podemos, como o seu “Filhinho” Jesus Cristo, chamar-lhe: Papá – em aramaico Abbá (Gal 4, 6; cf. Rom 8,15; Mc 14, 36).

E Jesus Cristo é nosso redentor, por ter dado a vida por nós, para nos obter o perdão dos pecados, transmitido no banho baptismal. De facto, como escreve S. Paulo, *todos nós que fomos baptizados em Jesus Cristo, fomos baptizados na sua morte. Fomos sepultados com Ele no Baptismo na sua morte, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova* (Rom 6, 3–4). Palavras que o Papa Francisco comenta assim: “Nós, com o Baptismo, fomos imergidos naquela fonte inesgotável de vida que é a morte de Jesus, o maior acto de amor de toda a história; e, graças a este amor, podemos viver uma vida nova, não já à mercê do mal, do pecado e da morte, mas na comunhão com Deus e com os irmãos.”⁴⁷

Esta comunhão deve-se ao Espírito santificador. *Na verdade* – escreve ainda S. Paulo – *todos nós – judeus e gregos, escravos e homens livres – fomos baptizados num só Espírito, para constituirmos um só Corpo. E a todos nos foi dado a beber um único Espírito* (1 Cor, 12, 13). Como se concretiza esta comunhão eclesial, nomeadamente

47. Em: *Catequese sobre os Sacramentos*, edição de 2014, do Secretariado Nacional de Liturgia, p. 3.

nas crianças, é-nos dito pelo Papa Bento XVI: “No Baptismo, cada criança é inserida num círculo de amigos que nunca a abandonará na vida nem na morte. Este círculo de amigos, esta família de Deus, na qual agora a criança é inserida, acompanhá-la-á sempre, também nos dias de sofrimento, nas noites escuras da vida; dar-lhe-á consolo, conforto e luz.”⁴⁸

38 Será que as nossas comunidades cristãs estão suficientemente despertas para esta comunhão, designadamente no acolhimento das crianças e seus familiares, na preparação e celebração do Baptismo e na inserção dos baptizados no seu seio? Será que estes, em tudo isso, se sentem acarinhados e abençoados por Jesus Cristo que, como cabeça da Igreja, nos diz: *Quem receber uma destas crianças em meu nome é a mim que recebe; e quem me receber não me recebe a mim, mas Àquele que me enviou* (Mc 9, 37)? Como concretizar em nós este ilimitado amor de Deus?

Amar as crianças como Deus as ama significa, primeiramente, respeitar o direito, por Ele concedido, a serem baptizadas. E se os pais não vivem, nomeadamente a nível familiar, de acordo com a vontade de Deus, expressa nas normas da igreja? Se tal situação puder ser regulada, sejam aconselhados a fazê-lo, para maior bem do filho na sua relação com Deus. Mas não como condição prévia para o Baptizado.

Mas, amar as crianças como Deus as ama significa, também e sempre para seu bem, certificar-se de que os pais, no mínimo, não as irão impedir de crescer na fé e prática cristã, “amando a Deus e ao próximo, como Cristo nos ensinou” e lhes é dito no início da celebração. Hoje, a missão de educadores cristãos, a nível familiar, é cada vez mais assumida, por exemplo, pelos avós. E quantas vezes os filhos, à medida que crescem na fé, acabam por (re)conquistar os pais para a mesma fé! Deus também fala pela boca das crianças.

48. Citado em *Youcat. Catecismo Jovem da Igreja Católica*, p. 116.

Amar as crianças como Deus as ama significa escolher para elas padrinhos de Baptismo à altura desta nobre, mas exigente missão, sempre para bem das crianças. Enquanto os pais não podem ser escolhidos, os padrinhos sim. Mas nem sequer é obrigatório tê-los. Optando-se por eles, então que não seja o pai e/ou a mãe da criança; sejam um padrinho e uma madrinha (no caso de serem dois); tenham pelo menos 16 anos de idade; estejam plenamente iniciados na vida cristã (com o Crisma); e sejam, no modo como vivem, modelos de vida cristã para os afilehados.⁴⁹ É que “o seu múnus é um verdadeiro *ofício* eclesial.”⁵⁰ Se os pais querem realmente o bem dos seus filhos e se estas condições lhes forem atempadamente explicadas, aceitá-las-ão mais facilmente.

Amar as crianças como Deus as ama significa preparar, com tempo e seriedade, a celebração do Baptismo. Uma preparação em que participem sobretudo os pais, que têm então uma providencial ocasião, para aprofundarem a sua fé, terem maior consciência da grandeza e responsabilidade da sua missão de pais e educadores, em suma, fazerem uma caminhada catecumenal a eles adaptada, sempre para o maior bem dos seus filhos. Para isso não basta um encontro, como tantas vezes acontece e para mais reduzido a questões meramente rituais. Procure-se criar, ao menos a nível arceprel, um verdadeiro Centro de Preparação para o Baptismo, como já existe noutras Dioceses. Ainda que nem todos os pais dele aproveitem, poderão participar ao menos aqueles que querem ser também, para os seus filhos, pais na fé.

Amar as crianças como Deus as ama significa, finalmente, celebrar o seu Baptismo na comunidade cristã a que ficam a pertencer. Que, ao menos, a comunidade se faça representar, por exemplo, por acólitos e grupo coral. Mas o ideal é que seja durante a Eucaristia dominical, como de resto já acontece em várias paróquias. É aí que a criança encontra a Igreja na sua mais completa comunhão. É en-

49. Cf. *Código de Direito Canónico*, cc. 872-874.

50. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1263. Itálico no original.

tão que ela (pres)ente já o amor que Deus lhe tem, um amor muito mais amplo e profundo do que apenas o dos pais e familiares, um amor que ficará gravado pelo menos no seu inconsciente e que, a seu tempo, dará os seus frutos, designadamente quando, já inserida na catequese paroquial, passará a vivê-lo com particular intensidade na comunhão sacramental da Eucaristia.

A EUCARISTIA QUE NOS ALIMENTA

39 Há quem diga que a refeição, se tomada com outras pessoas, é, por norma, mais saborosa. Com razão: o alimento não serve apenas para saciar a fome corporal; ele também é especialmente propício ao convívio — a “viver com” os outros, uma condição não menos importante para a vida. De facto, à medida que decorre a refeição, aquece igualmente o ambiente, liberta-se a língua dos comensais e intensificam-se os laços de união entre eles. E isto por efeito da própria comida e bebida. Mas, apenas porque ela é fonte de energia? Não só:

Os alimentos contribuem para a comunhão, também porque neles está muito da vida dos outros, de muitos outros: a vida que eles, imediata ou mediatamente, dão para termos comida e bebida em cima da mesa. Neste sentido, pode dizer-se que nos alimentamos dos outros. E se é com eles que estamos à mesa, então a refeição pode ser realmente mais saborosa.

O caso mais significativo é o dos filhos com os pais (e outros familiares), que se sacrificam, vão gastando a vida — e, por vezes, de que maneira! — para que os filhos tenham o alimento e tudo o mais de que precisam para crescerem. Daí que a mesa da refeição seja, habitualmente, o lugar central da casa. É sobretudo à sua volta que os pais se sentem mais pais e os filhos mais filhos — pela vida que uns dão e os outros recebem, a vida que, também deste modo, não mais acaba.

40 Foi numa refeição assim, a última Ceia, que Jesus, qual pai de família com os seus discípulos mais íntimos, exprimiu o sentido profundo da sua vida e missão. *Na noite em que ia ser entregue, tomou o pão e, dando graças, partiu-o e disse: «Isto é o meu Corpo, entregue por vós. Fazei isto em memória de mim».* Do mesmo modo, no fim da ceia, *tomou o cálice e disse: «Este cálice é a nova aliança no meu sangue. Todas as vezes que o beberdes, fazei-o em memória de mim»* (1 Cor 11, 23–25).

Jesus disse o que qualquer pai de família podia (e pode) dizer. Aliás, entre os Judeus era o pai de família, ou uma pessoa com idêntica função, quem presidia à refeição, sobretudo tratando-se da refeição pascal, como possivelmente foi a última Ceia. Só que, no caso de Jesus, sendo a refeição de despedida e na véspera da sua morte, as suas palavras adquiriram um significado muito mais profundo, amplo e duradouro. “Ao fazer do pão o seu Corpo e do vinho o seu Sangue, Ele antecipa a sua morte, aceita-a no seu íntimo e transforma-a numa acção de amor. Aquilo que exteriormente é violência brutal — a crucifixão — torna-se interiormente um gesto de amor que se doa totalmente.”⁵¹

E foi depois de os discípulos se terem apercebido do decisivo e inaudito triunfo desse amor sobre o pecado e a morte, isto é, depois de o Crucificado se lhes ter manifestado como Ressuscitado, foi então que eles, não só compreenderam o sentido das palavras da última Ceia na sua relação com o mistério salvífico da morte da cruz, mas, na sequência disso, nunca mais deixaram de celebrar o seu memorial. É o que diz S. Paulo com as palavras que acrescenta ao relato, já claramente litúrgico, atrás transcrito: *Na verdade, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciareis a morte do Senhor, até que Ele venha* (1 Cor 11, 26).

A Eucaristia é assim o evangelho anunciado no memorial celebrativo, o evangelho mais ao vivo. E, como tal, é o auge (não em sentido cronológico) da iniciação cristã e “fonte e cume de toda a

51. Bento XVI, citado em Youcat, *Catecismo Jovem da Igreja Católica*, p. 124.

vida cristã.”⁵² “Os restantes sacramentos, assim como todos os ministérios eclesiais e obras de apostolado, estão vinculados com a sagrada Eucaristia e a ela se ordenam. Com efeito, na santíssima Eucaristia está contido todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, nossa Páscoa.”⁵³

Para que a Eucaristia seja assim o memorial (e não uma simples comemoração) do acontecimento salvífico da morte e ressurreição de Cristo — para isso contribuem todas as pessoas divinas que intervêm na segunda parte da celebração: o Pai, a quem (a partir do Prefácio) damos graças pelas principais maravilhas que operou ao longo da história da salvação, no auge das quais está a oferta do seu Filho; o Espírito que invocamos “sobre o pão e o vinho, para que se tornem pelo seu poder o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo;”⁵⁴ e o Filho que, pelo relato (da última Ceia) e os gestos do sacerdote (em que Ele actua), realmente nos oferece, no pão, o seu Corpo entregue por nós, e, no vinho, o seu Sangue derramado por nós e por todos, para a remissão dos pecados. A força das suas palavras e acção deve-se, pois, ao Espírito vivificante, comum ao Filho e enviado pelo Pai.

O sacrifício de Cristo, assim actualizado e revivido, conduz necessariamente à comunhão. É como na refeição familiar: os filhos ficam muito mais unidos ao pai e à mãe, porque os alimentos que tomam são fruto do seu trabalho, por vezes *duro e pela noite dentro* (Sl 126/7, 2). Só que, com Jesus, a comunhão é infinitamente mais abrangente e profunda: foi por todos, e enquanto pecadores, que Ele deu a vida; e no seu Corpo e Sangue, presentes no altar da Eucaristia, vai toda a sua energia de Ressuscitado.

Ele entra em comunhão, primeiramente, com quem o recebe: “Na sagrada Eucaristia tornamo-nos um com Deus, como o alimento com o corpo.”⁵⁵ Mas, desta comunhão nasce e é reforçada também a comunhão com a Igreja: *Visto que há um só pão, nós, embora sejamos mui-*

52. II Concílio do Vaticano, Const. Dog. *Lumen Gentium*, n. 11.

53. II Concílio do Vaticano, Dec. *Presbyterorum ordinis*, n. 5.

54. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1353.

55. S. Francisco de Sales, citado em: *Youcat. Catecismo Jovem da Igreja Católica*, p. 125.

tos, formamos um só corpo, porque participamos do mesmo pão (1 Cor 10, 17). E a Igreja, assim duplamente unida, abre-se àquela comunhão com todos, a que convidam as palavras de despedida: “Ide em paz e o Senhor vos acompanhe” — ao encontro sobretudo dos que mais precisam de pão para o corpo e para a alma.

41 Entre eles, estão as crianças, nomeadamente as que comunham pela primeira vez. Que fazer para que entrem, de facto e para sempre, em comunhão com Cristo e — por Ele, com Ele e n’Ele — em comunhão com todos, dentro e fora da Igreja?

Para esta comunhão, pode contribuir o modo como as crianças são preparadas para comungarem pela primeira vez. Uma preparação remota, nos três anos que a antecedem: uma catequese que não seja acompanhada da regular participação das crianças na Eucaristia dominical, dificilmente as abre para um encontro completo com Cristo na primeira comunhão. E uma preparação mais próxima em que participem os pais e, se possível, os padrinhos: para que os filhos ou afilhados entendam melhor como a Eucaristia completa a iniciação cristã, começada no Baptismo; e para que, conseqüentemente, se apercebam de que o amor, daqueles que lhes dão a vida humana e as ajudam a crescer na fé, se alimenta do ilimitado amor de Deus manifestado em Cristo. Escusado será dizer que esta preparação se não pode reduzir a questões rituais. Realizando-se, pelo menos em parte, na igreja em que decorrerá a celebração, explique-se, com o maior respeito, ao menos o significado daquilo que então é ensinado ou ensaiado.

Para a comunhão consciente e devota das crianças, contribui também o modo como participam na Eucaristia da primeira comunhão. Por exemplo (e como infelizmente acontece com este e outros sacramentos), pôr crianças dessas a fazer as leituras, é esquecer que, nesta celebração, são elas, com os pais, as principais destinatárias da Palavra de Deus. E, pior ainda, é desviá-las da verdadeira participação, que não consiste numa “mera actividade exterior durante a celebração”, mas parte “duma maior consciência do mistério

que é celebrado e da sua relação com a vida quotidiana.”⁵⁶ Sem esta consciência — da parte das crianças, da assembleia e dos intervenientes na celebração, incluindo o presidente — ficar-se-á por um ritualismo mais ou menos teatral e falha-se o objectivo que interessa atingir: o encontro pessoal e íntimo com Jesus Cristo.

Para uma comunhão viva e eficiente das crianças contribui ainda a sua persistente participação na Eucaristia dominical, depois de começarem a comungar. Se, de algum modo, se prevê que a primeira comunhão vai ser a última, é preferível (ainda) não a receber. Mas, se as crianças ficam realmente presas a Cristo, sentirão necessidade de continuar a alimentar-se d’Ele, na comunidade cristã a que pertencem e que lhes deve proporcionar uma catequese que dure, pelo menos, até ao Crisma, uma catequese de que tem de fazer parte a Eucaristia, que é “fonte e cume de toda a vida cristã,”⁵⁷ uma catequese que, pelo menos na sua componente eucarística, se torne mistagógica, isto é, se centre nos sinais litúrgicos em que a criança participa mais intensamente, facilitando assim a “sua inserção num amplo processo de crescimento e de integração de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta.”⁵⁸

Para uma comunhão mais participada e profunda, pode, finalmente (mas não exaustivamente), e onde for viável, adaptar-se a celebração da Eucaristia às crianças. Se for semanal, que seja, sobretudo então, aberta a toda a comunidade e possa, até deste modo, ser um incentivo a que as crianças tomem parte nas restantes celebrações, bem como noutras expressões de devoção eucarística, como são, por exemplo, a visita pessoal ou em grupo ao sacrário, as procissões eucarísticas e, de modo especial, a adoração ao Santíssimo Sacramento exposto. Experiências feitas, designadamente na nossa Diocese, mostram que as crianças (e os adolescentes) estão sedentas da espiritualidade vivida nesta forma de adoração eucarística.

56. Bento XVI, Exort. Apost. *Sacramentum caritatis*, n. 77.

57. II Concílio do Vaticano, Const. Dog. *Lumen Gentium*, n. 11.

58. Papa Francisco, *A Alegria do Evangelho*, n. 166.

A CONFIRMAÇÃO QUE NOS FORTALECE

42 Chama-se “Confirmação” a este sacramento, porque “firmar” é a sua finalidade. E firmar por meio do “Crisma”, o outro nome (de origem grega) por que é conhecido e que significa “unção” — com um óleo, feito de azeite com uma mistura de bálsamo.

O azeite é usado entre nós sobretudo na alimentação. E tornou-se tão usual, que passou a servir até de tempero. Mas há ainda quem com ele unte e massage o corpo, particularmente nas zonas musculares ou em pontos mais debilitados e que, por isso, carecem de cura. Neste caso, o azeite é absorvido através da pele. Mas o efeito vivificante é idêntico ao da alimentação, só que mais concentrado.

O bálsamo, por sua vez, é uma resina aromática, que, desde há muito, serve sobretudo para fins cosméticos. Misturado com o azeite, faz com que este se torne ainda mais reconfortante — para a pessoa ungida e para quem com ela contacta. É que, se o azeite fortalece, o perfume do bálsamo atrai. Se com o azeite cresce a energia da pessoa ungida, com o bálsamo torna-se mais fácil a sua aceitação pelos outros. É nesta dupla função, pessoal e socializante, que o óleo é usado no sacramento da Confirmação, como sinal eficaz.

Mas reforçado por um outro sinal: o da imposição das mãos. É com elas que mais operamos, tanto para destruir e matar, como para salvar e abençoar. Daí que as mãos sejam associadas ao poder, que se tem e transmite, e à energia necessária para o exercer e, mais genericamente, para viver. Quanto bem se pode fazer a uma pessoa que acarinhámos, passando-lhe as mãos pela cabeça! — como fez Jesus, ao abençoar as crianças, *impondo as mãos sobre elas* (Mc 10, 16), e continua a fazer, designadamente aos que são fortalecidos pela unção crismal.

43 Por duas vezes o ministro impõe as mãos sobre eles. Primeiro, sobre o grupo inteiro, e durante a oração em que, com a adesão de toda a assembleia, pede “a Deus Pai todo-poderoso” que neles

“derrame o Espírito Santo com a abundância dos seus dons”.⁵⁹ Depois, durante a crismação individual: o ministro coloca a mão direita sobre a cabeça de cada crismando e, ao mesmo tempo que o unge na testa, diz-lhe, depois de o chamar pelo nome: “Recebe, por este sinal, o Espírito Santo, o dom de Deus.”

São estas palavras que transmitem eficácia salvífica e santificante aos sinais. Ou melhor, é Deus que, invocado pelas palavras, actua por meio dos sinais – o mesmo Deus uno e trino, ao qual cada crismando, pouco antes, se confiou pela profissão de fé, igualmente trinitária. Daí a conclusão de S. Ambrósio: “Lembra-te, pois, de que recebeste o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de ciência e de piedade, o espírito do santo temor, e guarda o que recebeste. Deus Pai marcou-te com o seu sinal, o Senhor Jesus Cristo confirmou-te e pôs no teu coração o penhor do Espírito.”⁶⁰

Além de assim reforçar a presença activa de Deus em nós, o Crisma firma-nos também na comunhão com a Igreja. O gesto da paz, que se segue à unção, une-nos ao Bispo e, com ele, a toda a comunidade diocesana. Pelo aroma da unção somos encorajados a ser, dentro e fora da Igreja, testemunhas destemidas de Jesus Cristo, difundindo *por toda a parte o perfume do seu conhecimento* (2 Cor 2, 14) e atraindo assim outros para Ele, através do que d’Ele dizemos e com Ele fazemos.

44 Para que este testemunho venha a ser, de facto, corajoso, é necessária uma cuidadosa preparação da sua celebração, primeiramente remota, isto é, através da catequese que, durante anos, a antecede. É estranho que, na nossa Diocese, depois da renovação da catequese da infância e da adolescência iniciada já há alguns anos, ainda haja paróquias em que a caminhada catequética termine com a festa da fé ou até com a primeira comunhão e, nalguns casos, se

59. *Pontifical Romano da Celebração da Confirmação*, edição da Conferência Episcopal Portuguesa, p. 28.

60. Citado em: *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1303.

reduza mesmo a alguns encontros que as precedem. Mas, por outro lado, o Crisma também não pode ser recebido como uma espécie de prémio para quem “aguenta” os dez anos de catequese. Seria instrumentalizar mais um sacramento, com os efeitos já conhecidos: em vez de os confirmados se sentirem mais comprometidos com Deus e a Igreja, abandonam-nos.

Mas, para que o testemunho dos crismados venha a ser realmente comprometido, é igualmente necessária uma séria preparação próxima da celebração: que se não limite a um só encontro e que, nele, se não fale apenas dos aspectos exteriores e rituais. Há já paróquias que, só para si ou juntamente com outras, organizam mesmo retiros para os crismandos, nos quais à reflexão, nomeadamente sobre pontos fundamentais do Crisma e da sua celebração, se junta a oração e a celebração do sacramento da Penitência, devidamente preparado. Sugiro ainda que se incentivem os crismandos, no ano em que são crismados, a participar na Missa Crismal da Quinta Feira Santa. Aí encontram a Igreja diocesana com o Bispo e o seu Presbitério, isto é, naquela comunhão mais alargada em que os crismandos irão ser particularmente inseridos.

Mas, para que o seu testemunho venha a ser realmente eclesial, é fundamental que a celebração do Crisma seja viva, festiva e participada, sobretudo pelos crismandos. Que eles sintam a comunhão calorosa de toda a comunidade em que irão ser mais activos e que está representada, junto de cada um, especialmente pelo padrinho ou a madrinha, que para isso têm de ser cristãos nas mesmas condições referidas atrás em relação ao Baptismo. Que nada distraia os crismandos do mistério que celebram, confiando-lhes, por exemplo, as leituras, de que eles, nesse dia, são os principais destinatários. Que para a renovação das promessas baptismais e a profissão de fé, acendam, como já se faz em algumas paróquias, as velas recebidas no Baptismo, como a luz de Cristo que os ilumina e aquece, designadamente no testemunho que d’Ele irão dar.

Para que esse testemunho venha a ser corajoso e eficaz, é importante, enfim, que a comunidade paroquial dos crismados lhes

proporcione a possibilidade e os meios, não só para continuarem a aprofundar a sua fé, como para dela viverem pela prática de vida e assim a transmitirem. Insiram-se, para isso, em actividades paroquiais na catequese, na liturgia e na caridade, ou em movimentos existentes na paróquia ou fora dela, ou ainda em grupos de jovens que, além de actividades internas e na paróquia, podem alargar o seu horizonte à diocese e para além dela, em ligação com a pastoral juvenil.

A EDUCAÇÃO CRISTÃ NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

45 São três os principais responsáveis pela formação cristã das crianças e dos adolescentes: a família, com os pais e/ou outros familiares; a comunidade cristã, no seu todo e com os seus principais responsáveis; e a escola, pública e privada, com a Educação Moral e Religiosa Católica.

A unir as três instituições estão: a mesma mensagem que transmitem, centrada no único evangelho de Jesus Cristo; as mesmas convicções cristãs dos que, pela palavra e a vida, a transmitem; os mesmos destinatários, as crianças e os adolescentes; e a mesma finalidade de conduzi-los à fé, vivida individualmente e em comunidade. Isto significa que as três instituições se têm de completar, com o contributo específico de cada uma.

Dos pais espera-se que sejam os primeiros educadores da fé dos seus filhos. A isso se comprometeram, quando para eles pediram o Baptismo à Igreja: a “educá-los na fé, para que, observando os mandamentos, amem a Deus e ao próximo como Cristo nos ensinou.”⁶¹ Os pais educam sobretudo pelo “testemunho de vida cristã”, que “chega às crianças envolvido em ternura e em respeito materno e paterno” e que, assim, “deixa uma marca decisiva que

61. Parte da saudação inicial da *Celebração do Baptismo das Crianças*, segundo o *Ritual Romano*.

dura por toda a vida.” Por isso, esta educação é “insubstituível.”⁶² E a catequese comunitária deve tê-la em conta.

Característico do ensino religioso escolar “é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com os outros saberes.” Para isso, “é necessário (...) que apareça como uma disciplina escolar, com a mesma exigência de sistematização e rigor que têm as demais disciplinas,” e, conseqüentemente, se não apresente “como algo de acessório, mas em necessário diálogo interdisciplinar.”⁶³ A desejada e necessária colaboração com as paróquias dos alunos, sobretudo no campo catequético, deve ser preocupação dos dois lados: dos professores e dos párocos.

Como já se pode depreender do que acaba de ser dito sobre a família e a escola, é acima de tudo à Igreja que está confiada a formação cristã em causa. É nela que Cristo mais está presente e, conseqüentemente, é ela que o deve comunicar de modo completo e sistemático. Por isso, é na catequese paroquial que passamos a concentrar-nos.

UMA CATEQUESE QUERIGMÁTICA

46 É verdade que o querigma, ou primeiro anúncio de Jesus Cristo, precede a catequese propriamente dita. Nesta apenas “se estrutura a conversão a Jesus Cristo, oferecendo as bases para esta primeira adesão”, lançando “os fundamentos da fé.”⁶⁴

Acontece porém que, hoje e mesmo na nossa Diocese, “chegam muitas crianças à catequese sem os rudimentos da vida cristã, a necessitar do despertar da fé.”⁶⁵ E o que se diz das crianças, pode dizer-se dos pais. Pelo menos nestes casos, o primeiro anúncio tem de ser feito no início da caminhada catequética.

62. Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, n. 226.

63. *Ibidem*, n. 73.

64. *Ibidem*, n. 62.

65. Conferência Episcopal Portuguesa, *Para que acreditem e tenham vida: Orientações para a catequese actual*, edição de 2005, do Secretariado Nacional da Educação Cristã, p. 8.

Mas, como escreve o Papa Francisco, “ao designar-se por «primeiro» este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece e substitui por outros que o superam; é o primeiro no sentido qualitativo, porque é o anúncio *principal*, aquele que se tem de voltar a ouvir sempre de diferentes maneiras e aquele que se tem de voltar a anunciar sempre, de uma forma ou de outra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos.” Assim, “na boca do catequista volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: «Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar».”⁶⁶

Nesse mesmo sentido, e como escreveu S. João Paulo II, é fim primário da catequese “pôr em comunhão com Jesus Cristo: somente Ele pode levar ao amor do Pai, no Espírito, e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade.” Mais: na catequese, “só Cristo ensina. Todo e qualquer outro o faz apenas na medida em que é seu porta-voz, consentindo em que Cristo ensine pela sua boca.”⁶⁷

Isto aplica-se primariamente aos catequistas, sem todavia esquecer, entre outros, os sacerdotes, os pais, os professores de Educação Moral e Religiosa Católica — mas todos eles associados permanentemente “ao testemunho vivo de uma comunidade cristã.”⁶⁸

UMA CATEQUESE COMUNITÁRIA

47 “A comunidade cristã é a origem, o lugar e a meta da catequese.”⁶⁹ Mas, que fazer para que efectivamente o seja? Tome-mos como modelo a vida da primeira comunidade cristã de Jerusalém, assim resumida em **Act 2, 42**, a seguir ao anúncio de Jesus Cristo por S. Pedro, que culminou com a conversão e o Baptismo de muitos e a entrada na Igreja de *cerca de três mil pessoas* (2, 41).

66. Em: *A Alegria do Evangelho*, n. 164. Itálico do original.

67. Em: Exortação Apostólica *Catechesi tradendae*, nn. 5 e 6.

68. Conferência Episcopal Portuguesa, doc. cit. *Para que acreditem e tenham vida*, p. 14.

69. Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, n. 254.

Acrescenta então o autor que os *cristãos eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fracção do pão e às orações* — as quatro actividades, complementares, pelas quais Cristo se mantém vivo numa comunidade cristã:

⇒ Pelo *ensino dos Apóstolos* é anunciado o evangelho da salvação obtida por Cristo morto e ressuscitado e mostra-se aos cristãos como viver à maneira d’Ele, para que continue vivo neles e entre eles. E como se concretiza isso?

⇒ Pela *comunhão fraterna*, isto é, a vivência, entre os irmãos na fé, do amor recebido de Cristo. É Ele que os leva a unirem-se na partilha de bens, como se tivessem *um só coração e uma só alma* (2, 46). E como conseguem eles viver assim?

⇒ Pela *fracção do pão*, um dos nomes mais antigos da Eucaristia. É por ela que Cristo atualiza para os cristãos de todos os tempos e lugares o seu mistério pascal. É ela, por isso, a fonte e o cume da vida da Igreja. Mas a Eucaristia é completada:

⇒ Pelas *orações*, feitas em diferentes situações e lugares e, consequentemente, em diferentes formas. Mas fundamentalmente dirigem-se ao Pai (cf. Act 4, 24-26), por Jesus Cristo seu Filho e na unidade do Espírito Santo. E qual o resultado final desta total confiança em Deus?

O Senhor aumentava todos os dias o número dos que deviam salvar-se (2, 47). É portanto a Igreja, no seu todo e na complementaridade das suas actividades, que dá testemunho de Cristo. Anuncia Aquele de quem vive e pelo modo como d’Ele vive. Anuncia-o ao vivo na sua vida comunitária — e com a eficácia que todos conhecemos da sua história já milenar.

48 Mas também com a responsabilidade que essa graça implica, para todos os cristãos e, de um modo especial, para os pastores da Igreja e os que nela exercem outros ministérios. Concentremo-nos nos que à catequese mais dizem respeito:

Aos pastores compete “procurar que a catequese seja, efectivamente, uma actividade prioritária na missão pastoral, dedicando-

-lhe «os melhores recursos de pessoal e de energias, escolhendo e formando pessoas qualificadas». Pertence também aos pastores suscitar a corresponsabilidade da comunidade pela catequese e integrar a acção catequética na pastoral global, «cuidando especialmente da ligação entre catequese, sacramentos e liturgia».”⁷⁰ Estará a ser assim em todas as comunidades cristãs da nossa Diocese?

A família pode e deve ter um papel decisivo, nomeadamente no despertar da fé nos filhos e numa participativa colaboração com a comunidade cristã na sua educação; o que está a acontecer cada vez menos, mesmo entre nós. Que fazer para inverter esta tendência? Como responsabilizar e formar os pais na sua insubstituível missão de primeiros e principais educadores cristãos dos seus filhos?

“Na transmissão da fé ocupam um lugar especial os catequistas que em nome da comunidade orientam os vários grupos de catequese (...). São eles o rosto e porta-voz da fé da Igreja e testemunhas da experiência de fé das comunidades. Não apenas transmitem conhecimentos religiosos mas iniciam nas várias dimensões da fé: na oração, na celebração da liturgia e no comportamento, a partir da sua experiência pessoal de vida cristã” — como “discípulos de Jesus Cristo que guiam no caminho que eles próprios se esforçam por seguir.”⁷¹ Há muitos catequistas assim, na nossa Diocese. Graças a Deus!

49 Que a comunidade cristã é a meta da catequese, já o dissemos atrás, a propósito de cada um dos sacramentos da iniciação cristã. Resta uma palavra sobre um outro modo de viver essa dimensão comunitária: o grupo em que cada catequizando se deve integrar, durante a caminhada catequética.

70. Conferência Episcopal Portuguesa, doc. cit. *Para que acreditem e tenham vida*, p. 23, com citações da Exort. Apost. de João Paulo II, *Chatechesi Tradendae*, n. 15, e do *Directório Geral da Catequese*, n. 225.

71. *Ibidem*, p. 24.

O grupo tem, antes de mais, uma função didáctica. Isto é, “favorece uma boa socialização”,⁷² fundamental em qualquer idade, mas especialmente naquelas em que a pessoa, como ser socialmente dependente, mais necessita do convívio com os outros. A isto junta-se na catequese, onde o grupo é constituído por cristãos, aquela dimensão eclesial prometida por Jesus, ao dizer: *Onde estão dois ou três reunidos em meu nome, eu estou no meio deles* (Mt 18, 20). E, no caso, até são “dois ou três” daqueles que Ele mais privilegia: as crianças. Juntas em grupo, podem experimentar, ainda mais e entre si, o amor de Jesus que identifica a sua Igreja. Que o catequista tenha isto presente, como enviado da Igreja para testemunhar a sua fé.

E com ele, os outros responsáveis da catequese, isto é, o pároco e os pais das crianças, com toda a comunidade cristã. Na nossa Diocese, por mais uma razão: são cada vez menos as paróquias com crianças suficientes para formarem grupos em todos os dez anos da catequese. Daí a recomendação feita no Sínodo Diocesano que terminou em 2005: “Que se criem, na área da Diocese, Centros de Formação Catequética, de âmbito inter-paroquial, onde deverá haver uma especial intervenção e presença do Secretariado Diocesano da Educação Cristã.”⁷³ Já várias paróquias seguiram esta recomendação, com resultados positivos a diversos níveis. Mas ainda há resistências, talvez por inércia dos responsáveis mais directos das comunidades ou devido a um bairrismo doentio, delas e de pais das crianças, e do qual os filhos são as maiores vítimas.

Mas, na caminhada catequética de crianças e adolescentes, confrontamo-nos, hoje e entre nós, com outros problemas, que merecem por isso a nossa atenção: no despertar da fé, na catequese familiar e na catequese dos adolescentes.

72. Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, n. 159.

73. *Propostas Sinodais*, aprovadas em 8 de Janeiro de 2006 por D. José Augusto Pedreira, p. 28.

O DESPERTAR DA FÉ

50 “A relação com Deus é constitutiva do ser humano: foi criado e ordenado para Deus, procura a verdade na sua estrutura cognitiva, tende ao bem na esfera positiva, é atraído pela beleza na dimensão estética.”⁷⁴ Numa palavra: estamos, por natureza, abertos ao transcendente, a Deus.

E isto, desde o primeiro momento da nossa existência no seio materno, quando é totalmente impossível termos qualquer consciência disso, como de tudo o resto. Mas que durante a gestação qualquer bebé é sensível ao que se passa com a mãe e à volta dela, disso ninguém duvida. Há crianças, por exemplo, que desde pequeninas manifestam uma especial preferência pela música clássica, porque foi essa a música mais ouvida durante a gravidez da mãe. O mesmo se passa obviamente a nível religioso.

Daí que, na nossa Diocese, se tenha já estabelecido o hábito de pedir a bênção de Deus para as grávidas: para que a mãe “aguarde com sentimentos de fé e esperança o tempo de dar à luz e, colaborando com o amor de Deus, ame desde já com afecto materno o fruto que traz no seio.”⁷⁵ Uma prece que, pelas razões referidas, irá influenciar o despertar da fé na criança assim abençoada.

51 É um despertar que depende, primariamente, dos pais (ou de quem os tenha de substituir). É deles que a criança recebe o amor de que precisa; um amor que muitos pais, por sua vez, procuram alimentar pela relação permanente com Deus. E se o filho, à medida que cresce, for observando, dentro e fora de casa, os sinais da presença de Deus na vida dos pais, então chegará o momento em que também ele desejará participar naquilo que deles vê e ouve: rezar como e com os pais, beijar uma imagem que eles prezam, unir-se a pessoas que eles respeitam, deslocar-se a lugares que eles frequen-

tam. A criança aprende assim a amar Aquele que os pais amam e porque se sente por Ele amado, através do amor dos pais. Também ela poderia dizer: o Amigo dos meus amigos, meu Amigo é... e será.

Neste contexto, são de louvar aqueles pais que levam as crianças, desde pequeninas, a participar na vida da Igreja, nomeadamente na Eucaristia dominical. Mesmo que outros digam que elas não entendem o que se celebra ou que perturbam as outras pessoas. Será que todos entendemos plenamente o mistério eucarístico? Cada um louva o Senhor conforme sabe e pode; e as crianças facilmente se deixam contagiar pela alegria e o fervor que observam nos adultos. E se alguém as rejeita, rejeita Jesus e as suas palavras: *Deixai vir a mim as criancinhas; não as estorveis: dos que são como elas é o reino de Deus* (Mc 10, 14).

52 Sabemos, porém, que são cada vez menos os pais cristãos que se preocupam com esta abertura dos filhos a Deus. Também por isso, surgiu a partir de 2005 (inicialmente na Diocese de Lisboa e depois com o apoio do Secretariado Nacional da Educação Cristã e da Doutrina da Fé) um projecto chamado “Despertar da Fé”. Destina-se a pais e educadores de crianças menores de 6 anos, portanto, até à idade propriamente escolar. Tem sido usado sobretudo em jardins de infância, nomeadamente da Igreja; mas também em paróquias preocupadas com a educação cristã das crianças antes de iniciarem a catequese.

No conteúdo, não é ainda uma catequese sistematizada, mas parte principalmente de manifestações e tradições religiosas que as crianças observam e nas quais já participam, por exemplo, pelo Natal e pela Páscoa. No método, aposta nos afectos, principalmente da parte dos educadores que, nesse sentido, nada impõem às crianças, mas fazem caminhada com elas, ao ritmo da sua liberdade e capacidade de compreensão e adesão.

Os resultados têm sido excelentes, ultrapassando mesmo as previsões dos autores, pessoas peritas em ciências da educação. Confirma-se assim que as crianças, já nesta idade, são perfeitemen-

74. Bento XVI em: *Bento XVI em Portugal. Discursos e Homilias*, edição de 2010, da Conferência Episcopal Portuguesa, p. 18.

75. *Ritual Romano da Celebração das Bênçãos*, edição de 1991, da Conferência Episcopal Portuguesa, p. 82.

te capazes de se abrirem a Deus e de entrarem em íntima comunhão com Ele, com manifestações que, não raramente, surpreendem e emocionam os pais e outros educadores.

É, por tudo isto, um projecto que vale a pena dar a conhecer na nossa Diocese, até como preparação para a catequese sistemática e numa das suas componentes mais imprescindíveis, à qual, pela sua urgência, devemos prestar particular atenção:

A CATEQUESE FAMILIAR

53 Trata-se, neste caso, não de uma catequese paralela à catequese paroquial, mas nela inserida. Que a colaboração da família é fundamental, já o vimos. “A comunidade cristã não pode substituir os pais mas deve colaborar com eles na educação dos filhos. Como frequentemente não estão esclarecidos para esta missão, é hoje urgente e indispensável que as comunidades, seus pastores e responsáveis definam um projecto de sensibilização e de formação de pais que integre um conjunto de propostas adequadas às suas situações e possibilidades, como: reuniões periódicas bem preparadas, formação cristã orgânica de pais, aproveitando até os tempos de encontros de catequese dos filhos para uma catequese paralela com os pais.”⁷⁶

Os actuais catecismos nacionais, nomeadamente nos primeiros seis anos, já apelam a isso. Sugerem reuniões periódicas com os pais; propõem que eles participem em determinados encontros catequéticos dos filhos; e apresentam, em cada tema dos catecismos do primeiro ao sexto ano, uma secção chamada “Em Família”, com um resumo do tema exposto aos filhos e algumas orientações para os pais os ajudarem a aprofundá-lo, entre cada encontro catequético.

Só que os resultados estão longe de ser satisfatórios. Muitos pais continuam a limitar-se à “matrícula” dos filhos e a levá-los à catequese. E ficam satisfeitos, desde que eles “passem” todos os

76. Conferência Episcopal Portuguesa, doc. cit. *Para que acreditem a tenham vida*, pp. 23–24.

anos e atinjam as metas por eles desejadas. Mas estas são vistas paralelamente às do ensino escolar. Resultado: os filhos, como deixam a escola, abandonam também a Igreja. Se é que alguma vez verdadeiramente lá entraram. Repare-se, por exemplo, no que se passa durante as férias escolares (e infelizmente da catequese): quantas crianças e adolescentes participam então (ou continuam a participar) na Eucaristia? E sendo em tempos litúrgicos mais ricos, como os da Páscoa e do Natal, é uma ausência ainda mais escandalosa.

É claro que, nisto como em tudo, há excepções, tanto da parte de pais como de filhos. Mas não são a regra. E isso tem de preocupar-nos, até porque as excepções tendem a diminuir. Só que, para inverter a tendência, não basta lamentarmo-nos. Ir por aí, pela via do pessimismo, só agrava a situação. Há, portanto, que encontrar novos caminhos e ter a devida coragem para os trilhar.⁷⁷

54 Há três anos, teve início na nossa Diocese e, a partir dela, em várias outras do País, um novo modelo de catequese – a chamada “catequese familiar”. Mas, nas suas linhas gerais, somente entre nós ele é novo. Antes, foi e está a ser seguido em dioceses da América Latina e da Europa. No nosso País, a maior novidade está na sua adaptação aos catecismos nacionais.

Não vamos aqui descrever pormenorizadamente como funciona, até por razões de espaço.⁷⁸ Basta determo-nos na sua linha mestra, para nos apercebermos das suas potencialidades, que de resto já se notam nos resultados que está a dar.

Trata-se de uma catequese simultaneamente dos pais e dos filhos, na sua relação mútua. Isto é, ao mesmo tempo que os pais catequizam os filhos – exercendo assim o dever de serem os seus primeiros e principais educadores cristãos – são eles próprios ca-

77. Neste sentido, veja-se a recomendação do Sínodo Diocesano, terminado em 2005, com esta proposta (no doc. cit. *Propostas Sinodais*, p.27): “Que se promova uma formação específica para a catequese em família, eventualmente através da elaboração de um Guia.”

78. Consulte-se para isso, a obra do seu mentor principal: o sacerdote da nossa Diocese, Padre Vasco António da Cruz Gonçalves, *Catequese de Adultos para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, Universidade Católica Editora, Lisboa 2011.

tequizados, e no mesmo conteúdo doutrinal que transmitem aos filhos. Tanto são os pais a ensinar os filhos, como estes a ensinar os pais. E é no ensino aos filhos que os pais se tornam mais pais e, vice-versa: os filhos sentem-se mais filhos, ao contribuírem para a vida dos pais. Em quê concretamente?

Com os filhos, os pais apercebem-se melhor de como, afinal, também eles foram e continuam a ser carenciados e dependentes. Com os pais, é mais fácil aos filhos crescerem para o mesmo amor que deles recebem. E é assim, nesta dependência mútua, que uns e outros se voltam para Deus, que se revelou como Pai, sobretudo ao dar-nos o seu Filho Jesus Cristo que, por sua vez, se fez pequenino, para ajudar os pequeninos deste mundo a crescerem no amor que Ele recebe do Pai e o levou a dar-se por todos.

Vejamos como isto se concretiza na caminhada catequética, sobretudo do segundo ano, com a entrega do Pai-Nosso, e do terceiro, com a primeira comunhão. A criança apercebe-se mais facilmente de que Deus é Pai, ao vê-lo presente naqueles a quem, desde pequenina, chama pai e mãe e, agora, com eles se dirige ao Pai que está nos Céus — *o Pai de quem recebe o nome toda a paternidade* (Ef 3,15) e que, na terra, dá aos seus filhos o pão de cada dia, lhes perdoa as ofensas e os livra de todo o mal. E a criança entende mais facilmente como é que Jesus lhe dá o seu Corpo e o seu Sangue, se vir como os pais gastam a vida, designadamente pelo trabalho duro, para que ela se alimente e viva — e o fazem, porque, também eles, se alimentam do pão da vida e do vinho da salvação, no Corpo e no Sangue do Senhor.

Já nisto se percebe que esta catequese, sendo familiar, se não fecha, nem poderia fechar, à família mais alargada da comunidade cristã. Mas a integração tem muitas outras expressões: as crianças e os pais formam entre si um grupo ou vários, conforme o número; é da comunidade que vêm os catequistas que os orientam; e, além dos encontros periódicos dos grupos (de pais e de filhos), todos participam na Eucaristia dominical, intervindo nela uma vez por mês com contributos específicos da sua caminhada catequética. Uma participação

que, logicamente, não pode terminar no tempo de férias, nem quando as crianças recebem a primeira comunhão. Aliás, têm sido pais que, perante os resultados dos primeiros três anos, pedem que este modelo de catequese se prolongue por mais três; o que já está em curso.

A CATEQUESE DOS ADOLESCENTES

55 O Directório Geral da Catequese insere a catequese dos adolescentes na dos jovens, distinguindo, “na idade juvenil, a puberdade, a adolescência e a juventude.” Das três, é à puberdade que dedica mais atenção, por se não ter, nomeadamente em regiões mais desenvolvidos, “suficientemente em conta as dificuldades, as necessidades e os recursos humanos e espirituais dos pré-adolescentes, como se essa fase etária não fosse reconhecida.” Um dos efeitos é este: “O ou a pré-adolescente, tendo recebido o sacramento do Crisma, conclui o processo da iniciação cristã, mas, ao mesmo tempo, afasta-se completamente da prática da fé.”⁷⁹

Todos sabemos como isso, infelizmente, acontece também entre nós, mesmo com o Crisma a ser recebido em plena adolescência. Mas esta começa na puberdade, que, *grosso modo*, coincide com o início da catequese da adolescência.

Recordemos algumas das causas deste abandono da prática da fé. Primeiro, já na infância, muitos adolescente iam à catequese, apenas (ou quase) para fazer a vontade aos pais, muitos dos quais sem prática religiosa. Depois, dos que ficam para a catequese da adolescência, muitos fazem-no, primariamente, por causa do Crisma, mas visto, predominantemente, como qualificação para serem padrinhos. Finalmente, a catequese, na infância e na adolescência, anda demasiado atrelada ao ensino das escolas, nomeadamente na calendarização e na linguagem (“matrículas”, “aulas”, “alunos”, “exames”, “diplomas”).

79. Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, n. 181.

Não há dúvida de que tudo isto pode dificultar uma adesão de fé, consciente, livre, convicta e definitiva, a Cristo e à Igreja. Mas, mesmo nestas circunstâncias (ou nas que são inevitáveis), será impossível conseguir essa adesão, na catequese da adolescência?

Das citadas palavras do Directório Geral da Catequese já se depreende que a razão principal do referido abandono tem a ver com o modo como a catequese desta fase etária está organizada e a ser dada entre nós. Tem a ver, mais concretamente, com uma insuficiente atenção às profundas transformações por que os pré-adolescentes e adolescentes começam ou estão a passar. Entre nós, a catequese da adolescência está a funcionar praticamente como a da infância. E isso é o que os adolescentes menos suportam: continuarem a ser tratados como crianças.

56 Uma das características dos adolescentes, na transição, muitas vezes atribulada, da infância para a maturidade, é a busca de autonomia e a consequente necessidade de encontrar a sua própria identidade de pessoas livres e responsáveis. Autonomia, antes de mais, em relação aos pais. O adolescente precisa de sair da tutela familiar, não para se isolar, mas para se encontrar, de preferência, com colegas da mesma fase etária. Em determinadas circunstâncias, acaba até por preferir o grupo de amigos à própria família. E se, entre os grupos de amigos, estiver o da catequese?

Quer isto dizer que, às razões para que toda a catequese seja em grupo, acresce mais esta, na adolescência. Daí que uma das primeiras preocupações do animador seja a de aproveitar, desde o início, todos os meios e ocasiões para fomentar a união e a amizade entre os catequizandos, dentro e fora dos seus encontros. E podem ser tantos esses meios e ocasiões! Desde que o animador esteja interessado e atento, facilmente os descobrirá. Uma descoberta em que o próprio grupo, à medida que se vai unindo, acabará por colaborar.

Se, com o mesmo objectivo, o grupo escolher um nome para se identificar (além de outros distintivos, como um uniforme, um emblema), tanto melhor: evita a atrelagem ao ensino escolar (em

que os alunos se distinguem pelos anos), facilita o reconhecimento como grupo e reforça assim a sua coesão interna. O confronto com os outros favorece sempre a união, até entre animais.

57 Mas o grupo não pode fechar-se sobre si próprio, também por uma outra razão. Formado por cristãos, tem de se abrir à comunidade cristã a que pertence: para receber e para dar. Não faltarão oportunidades para isso, no ensino, na liturgia e na caridade de que vive a comunidade. Se for todo o grupo a colaborar, que apareça como tal. Mas, mesmo que sejam apenas alguns elementos, convém que isso seja depois avaliado e reflectido, em grupo e à luz da vivência da fé e da caridade cristãs em que o grupo procura crescer. É a agir que mais se consolidam as convicções. E o adolescente, com o crescimento das suas capacidades físicas e psíquicas, sente necessidade de ser activo, protagonista, e de se ver reconhecido nessa função. Repare-se, por exemplo, com que facilidade e gosto ele ou ela participa em actividades de voluntariado e de solidariedade.

Isto não significa, de maneira nenhuma, que se ponham de parte os temas propostos pelos catecismos de cada ano. O grupo é, acima de tudo, de catequese; e esta tem nos catecismos subsídios doutrinais, cujo conteúdo é fundamental para o aprofundamento da fé. Mas completá-los, nem que seja alternadamente, pela prática de vida, não é menos importante. Aliás, talvez seja por falta da componente prática que os adolescentes tão facilmente se desinteressam da catequese e deixam a prática cristã.

Pode acontecer, por isso, não ser possível esgotar todos os temas do catecismo. Nesse caso, o animador selecione, com a colaboração do grupo, os mais importantes. E como expô-los?

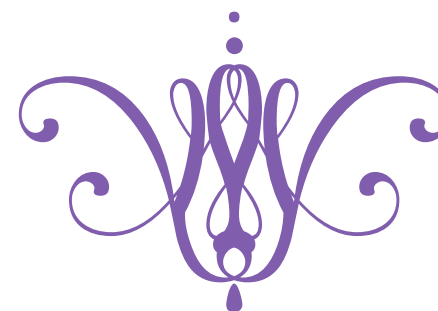
58 Outra característica do adolescente é o aumento da capacidade de raciocínio e do espírito crítico. Qualidades que têm de ser tidas em conta na aprendizagem em que participa. Para isso, o animador, em vez de longos e fastidiosos discursos, deve limitar-se a introduzir os temas e, logo que possível, dar a cada elemento do grupo a oportunidade de intervir.

Para que todos o façam, o ideal é que o grupo seja dividido em equipas, com um número de 5 a 10 elementos. Se possível, que sejam constituídas pelo menos no início do ano catequético e assim se mantenham. Isso não só permite que os seus elementos se conheçam melhor e se habituem mais facilmente a reflectir em comum, mas cria também uma certa competitividade entre as equipas e, com isso, pode melhorar a qualidade da reflexão. É claro que cada equipa deve ter um chefe, escolhido de preferência por todos os elementos do grupo e antes da formação das equipas. Estas podem ser formadas a partir dos que as chefiaram, mas de modo a haver equilíbrio entre elas.

Os plenários servem, não apenas para os grupos porem em comum as suas reflexões e tirarem as necessárias conclusões teóricas e práticas, mas também para uma outra actividade imprescindível na vida do grupo: a oração, que pode variar na sua forma, de acordo sobretudo com o tema tratado, o tempo litúrgico ou outras circunstâncias. A oração é imprescindível, porque é em Deus que cada tema encontra o seu sentido último e o grupo a necessária fonte de união e acção. Além disso, os adolescentes estão muito mais abertos à espiritualidade do que por vezes se pensa. Experiências na nossa Diocese, nomeadamente com retiros, confirmam a necessidade que sentem de encontros vivos e pessoais com Deus.

Resta uma palavra sobre o animador. Não é por acaso que lhe não chamo catequista. É que, muito mais do que na catequese da infância, é sua missão, primariamente, a de propor e orientar. E fá-lo, caminhando com os catequizandos, aproveitando os seus recursos humanos e espirituais e acolhendo-os nas suas dúvidas, hesitações, necessidades e sonhos, próprios de quem muito quer crescer. Para isso precisa de ser convicto nas ideias e firme nas decisões, mas também de ser bondoso, paciente, amigo – à maneira de Jesus Cristo, de quem é testemunha viva.

Talvez haja quem considere estas propostas irrealizáveis ou descabidas numa carta pastoral. Seriam muito mais irrealizáveis, se não fossem conhecidas por tantos diocesanos quanto possível. O que a um parece impossível, é possível a muitos e unidos, com coragem, tempo, persistência e, acima de tudo, com a graça de Deus, a quem tudo é possível.





QUE O BEATO BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES NOS ABENÇOE

59 Encontrei-me há uns anos com um casal, pai e mãe de dois filhos, um rapaz e uma rapariga. O filho tinha sido ordenado padre, e a filha abraçara a vida consagrada. Perguntei-lhes se não sentiam tristeza por isso. Resposta: a princípio sim, porque naturalmente era seu desejo ter netos que lhes garantissem descendência; mas depois foram descobrindo que, afinal, os dois filhos lhes tinham dado uma família muito mais alargada e talvez melhor. “Tantas vezes a nossa casa se enche!” – diziam-me com um sorriso estampado no rosto. Eu era apenas mais um dos que usufruíam da sua hospitalidade, mais um dos inúmeros membros da sua família.

A família mais alargada é a Igreja, uma família de famílias. Será melhor, se os seus membros se mantiverem unidos a Cristo, sua cabeça, como os ramos que só dão frutos, se unidos à videira. Se isto se aplica a todos os cristãos, muito mais àqueles que, chamados por Deus, pela sua graça a Ele plenamente se consagram, para se entregarem totalmente ao seu serviço – como Cristo, que promete especialmente aos que, por Ele chamados, tudo deixam para o seguirem: *Em verdade vos digo: Todo aquele que tiver deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos e terras, por minha causa e por causa do Evangelho, re-*

ceberá cem vezes mais, já neste mundo, em casas, e irmãos, e irmãs, e mães, e filhos, e terras, juntamente com perseguições, e, no mundo futuro, a vida eterna (Mc 10, 29-30).

Tanto a Igreja como a sociedade precisam de pessoas que, livre e generosamente, renunciem a formar uma família própria em sentido restrito, para que as famílias humanas recebam e olhem os filhos como uma bênção do Senhor. Escreveu, a esse propósito, S. João Paulo II: “Renunciando à fecundidade física, a pessoa virgem torna-se espiritualmente fecunda, como pai e mãe de muitos, cooperando na realização da família segundo o desígnio de Deus.”⁸⁰ Não é por acaso que, nesse sentido e entre nós, ao sacerdote se chama “padre” (o mesmo que “pai”) e ao consagrado ou à consagrada “irmão” ou “irmã”.

Mas, para a cooperação de que fala o Papa, nem o padre nem o consagrado se podem deixar contaminar pelo comodismo e o materialismo, próprios do espírito mundano e nos quais até é mais fácil cair, quando se não tem esposa ou marido para servir e filhos para criar e educar. Dito positivamente: as famílias esperam de nós, sacerdotes e consagrados, que sejamos modelo daquela entrega generosa, desprendida, corajosa e persistente, de que elas precisam para se realizarem segundo o desígnio de Deus.

Mas, não conseguiremos ser modelo para elas, se nós próprios nos não preocupamos em sê-lo. Não lhes podemos pregar bons conselhos, se não notam em nós, pelo menos, um esforço para os pôr em prática. Não as podemos convidar ao perdão, se nós próprios não procuramos o perdão de Deus e não nos dispomos a perdoar a quem nos ofende. Não conseguiremos convencê-las a alimentarem-se do Corpo eucarístico de Cristo, se nós próprios nos limitamos a celebrar a Missa para os outros, e sabe-se lá de que modo, e somos conseqüentemente incapazes de nos oferecermos, no altar do mundo, *como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus* (Rom 12, 1).

80. Em: *Familiaris Consortio*, n. 16.

60 Olhemos, a terminar, para o nosso Bem-aventurado Bartolomeu dos Mártires – o modelo para todos os modelos que sacerdotes e consagrados, pais e filhos cristãos da nossa Diocese devem ser, na Igreja e na sociedade em que vivemos – e peçamos-lhe que a todos abençoe:

***Querido Beato Bartolomeu dos Mártires,
tu, que na felicidade celeste velas por nós,
depois de nos teres iluminado com a luz da fé
e nos teres amado com um amor ardente e ilimitado,
nós te pedimos a bênção de pai, que nos guia e protege:***

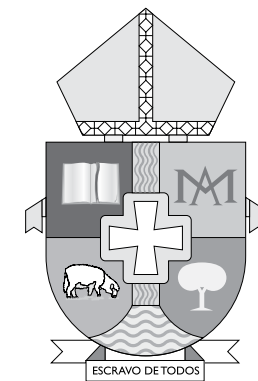
- *Abençoa esta Diocese pela qual ardeste e te consumiste,
para que persista unida, na fidelidade ao Evangelho e à Igreja.*
- *Abençoa o Bispo que Deus lhe concedeu, como pastor e guia,
para que se faça escravo de todos, levando a sua cruz, como tu.*
- *Abençoa os Sacerdotes que no Presbitério com ele colaboram,
para que se mantenham fiéis à graça recebida na sua ordenação.*
- *Abençoa os consagrados e as consagradas que vivem na Diocese,
para que, pela santidade, sejam sinais vivos do reino de Deus.*
- *Abençoa os seminaristas, chamados ao sacerdócio ministerial,
para que, unidos ao Senhor, cresçam em sabedoria e em graça;*
- *Abençoa as famílias que nasceram do vínculo matrimonial,
para que formem autênticas comunidades de vida e de amor.*
- *Abençoa os pais cristãos, cujos filhos são dons do Senhor,
para que, fiéis ao compromisso assumido, os eduquem na fé.*
- *Abençoa as crianças, os adolescentes e os jovens na flor da vida,
para que se vejam por todos acolhidos como bênção do Senhor.*
- *Abençoa os seus educadores, tanto na Igreja como na escola,
para que sejam para eles modelos de fé e de prática cristã.*
- *Abençoa as famílias mais carenciadas de qualquer bem,
para que sejam respeitadas e socorridas no seu direito à vida.*
- *Abençoa toda a sociedade civil residente na nossa Diocese
com responsáveis à altura dos direitos e deveres que lhe cabem.*
- *Abençoa toda a Igreja, com o Papa Francisco e os outros Bispos,
na comunhão que nos une na mesma fé, esperança e caridade.*
- *Abençoa-nos como tu, Beato Bartolomeu, foste abençoado por Deus.*



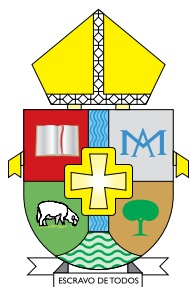
**Que o Senhor, Deus todo-poderoso,
com Santa Maria sua Mãe e São Teotónio,
a todos encha das suas graças e bênçãos!**

*Viana do Castelo, 15 de Agosto de 2014
Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria, padroeira da nossa
Diocese, e quarto aniversário da minha entrada na Diocese.*

† Anacleto Oliveira







500
ANOS 1514/2014
NASCIMENTO
BEATO BARTOLOMEU
DOS MÁRTIRES

